

7519

A assistencia familiar dos alienados

134/7 EHC

N.º 7

A assistencia familiar * * dos alienados

DISSERTAÇÃO INAUGURAL APRESENTADA

À ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

DIRECTOR

ANTONIO JOAQUIM DE MORAES CALDAS

SECRETARIO

THIAGO AUGUSTO D'ALMEIDA

CORPO DOCENTE

Lentes cathedratcos

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 1. ^a Cadeira — Anatomia descriptiva geral. | Luiz de Freitas Viegas. |
| 2. ^a Cadeira — Physiologia | Antonio Placido da Costa. |
| 3. ^a Cadeira — Historia natural dos medicamentos, e materia medica | Thiago Augusto d'Almeida. |
| 4. ^a Cadeira — Pathologia externa e therapeutica externa | Carlos Alberto de Lima. |
| 5. ^a Cadeira — Medicina operatoria. . . | Antonio Joaquim de Souza Junior. |
| 6. ^a Cadeira — Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos. | Candido Augusto Corrêa de Pinho. |
| 7. ^a Cadeira — Pathologia interna e therapeutica interna. | José Dias d'Almeida Junior. |
| 8. ^a Cadeira — Clinica medica | Vaga. |
| 9. ^a Cadeira — Clinica cirurgica | Roberto Bellarmino do Rosario Frias. |
| 10. ^a Cadeira — Anatomia pathologica . . | Augusto Henrique d'Almeida Brandão. |
| 11. ^a Cadeira — Medicina legal | Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos. |
| 12. ^a Cadeira — Pathologia geral, semeiologia e historia medica | Alberto Pereira Pinto d'Aguiar. |
| 13. ^a Cadeira — Hygiene. | João Lopes da Silva Martins Junior. |
| 14. ^a Cadeira — Histologia e physiologia geral | José Alfredo Mendes de Magalhães. |
| 15. ^a Cadeira — Anatomia topographica . | Joaquim Alberto Pires de Lima. |

Lentes jubilados

- | | |
|----------------------------|-------------------------------------|
| Secção medica | { José d'Andrade Gramaxo. |
| | { Illidio Ayres Pereira do Valle. |
| | { Antonio d'Azevedo Maia. |
| Secção cirurgica | { Pedro Augusto Dias. |
| | { Dr. Agostinho Antonio do Souto. |
| | { Antonio Joaquim de Moraes Caldas. |

Lentes substitutos

- | | |
|----------------------------|---------|
| Secção medica | { Vaga. |
| | { Vaga. |
| Secção cirurgica | { Vaga. |
| | { Vaga. |

Lente demonstrador

- | | |
|----------------------------|-------|
| Secção cirurgica | Vaga. |
|----------------------------|-------|

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola*, de 23 d'abril de 1840, artigo 155.º)

A meus paes

Ao meu illustre presidente de these

SNR. PROFESSOR

Maximiano Augusto d'Oliveira Lemos

*como prova da maior consideração
e respeito.*

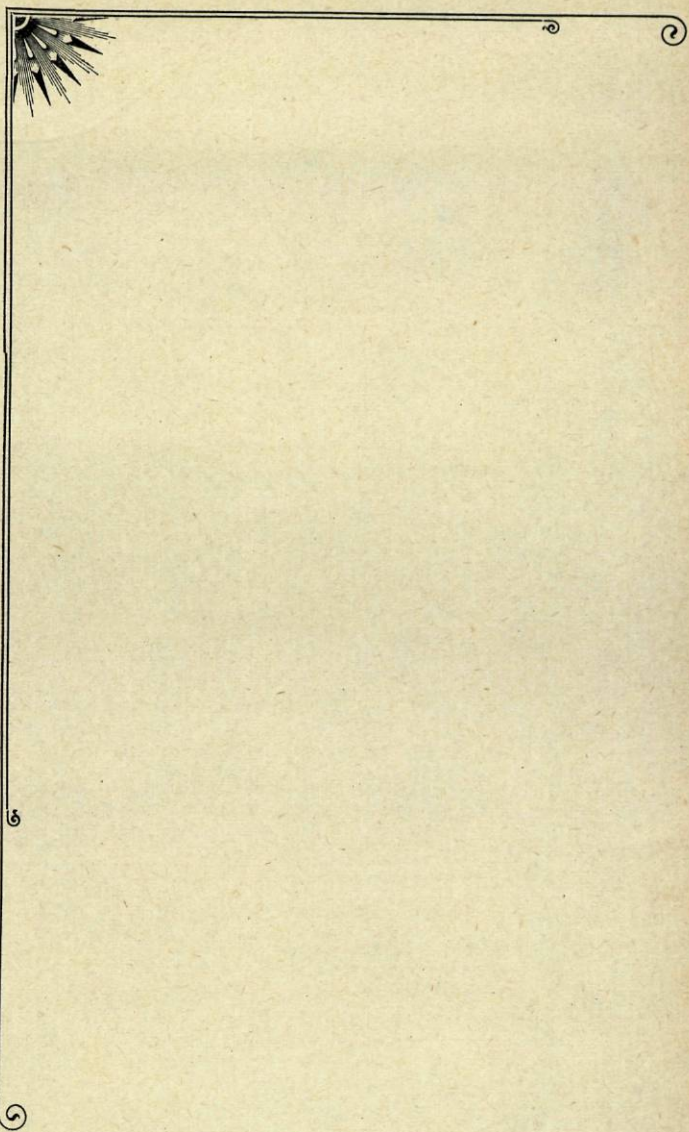
Aos Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs.

Prof. João Lopes da Silva Martins Junior

Dr. Julio de Mattos

Dr. Auguste Marie

*com a mais sincera expressão de agradecimento
que, ao talento consagrado de todos, devo pelos
ensinamentos adquiridos e pelos favores que
recebi.*



SUMMARIO

1.^a PARTE

A assistencia familiar no estrangeiro

CAPITULO I — Latitudo do systema familiar de assistencia.

CAPITULO II — As colonias familiaes da Belgica: Gheel e Lierneux.

CAPITULO III — As colonias realisadas pelo departamento do Sena para doentes chronicos e inoffensivos de alienação mental.

CAPITULO IV — Assistencia aos convalescentes e ergotherapia.

CAPITULO V — A assistencia familiar em outros paizes, além da Belgica e da França. Votos em seu favor nos differentes congressos.

2.^a PARTE

A assistencia dos alienados em Portugal

PRIMEIRA PARTE

A assistencia familiar no estrangeiro

CAPITULO I

Latitude do systema familiar de assistencia

A fôrma de protecção beneficente, que serve de assumpto a este trabalho, tem como elemento primordial de consideração essa alliança de interesses e de sentimentos moraes que se chama — a familia.

A assistencia familiar, no seu desenvolvimento crescente, é hoje apresentada como a maneira mais humana e mais justa de soccorrer certas classes sociaes a quem por direito é devido soccorro.

Havendo começado regionalmente pelos cuidados prestados a doentes de alienação mental, o patronato nas familias é proposto já, nos congressos especiaes, para ser applicado nos casos de assistencia ás classes seguintes: *mulheres e creanças*, assistencia obstetrica e puericultura;

adultos válidos, indigentes, alcoolicos, convalescentes; *adultos doentes*, alienados, tuberculosos; *velhos e incuráveis*, cegos, epilepticos e surdos-mudos.

E algumas d'estas obras existem realisadas. Não se propõe a assistencia familiar substituir inteiramente a assistencia hospitalar, assistencia que se ministra em edificios proprios, regulamentados; póde querer que ella tenha um papel que não seja hoje o preponderante, mas reconhece que não é, em certos casos agudos e contagiosos, a assistencia familiar a melhor fórma a empregar. No emtanto, fóra d'estas condições especiaes, quantas vezes a assistencia hospitalar não realisa uma amputação social do homem familiarisado sem que haja uma necessidade reconhecida de transigir com as tendencias, já por si mesmo tão perniciosas, do individualismo moderno? Os alienados virão demonstrar que, podendo ser recebidos em familia, este systema é susceptivel de bem amplas applicações, por isso que elles são os doentes cujo isolamento mais systematicamente se emprega e mais convictamente se exige.

Como processo tambem mais economico a assistencia familiar permite a extensão da assistencia, e grande é o alcance d'uma medida que dá ensejo a reparar misérias, cuja existencia é socialmente um dos factos mais perniciosos que se podem considerar.

Além das enormes vantagens do lado moral, da therapeutica de consolação e repouso espirital pelo zelo, attenção e solicitude insubstituiveis da familia, médicamente a disseminação dos casos a cuidar muitas vezes consegue fazer a prophylaxia mais benefica, que attenua os resultados da agglomeração anti-hygienica da enfermaria, da maternidade, etc. E' o que se torna evidente na assis-

tencia das creanças debeis e escrofulosas. Na falta de sanatorios, que não se constroem porque não ha receita, estes pequenos candidatos ao flagello devastador da tuberculose podem ir tirando, e vão tirando já em varios paizes, beneficios consideraveis da collocação nas familias, habitando em regiões salubres do campo, nas montanhas ou á beira-mar. Concorde-se em geral que tal fôrma realisa uma excellente cura de ar, individual.

A esta idéa de substituir a disciplina esmagadora d'um estabelecimento-caserna, onde o internado é, as mais das vezes, uma abstracção, um numero, e sempre um ser isolado, um suicida do lar, tem adherido hoje as notabilidades mais em destaque no mundo profissional e intellectual.

Aos tempos modernos cabe a honra de haver comprehendido, melhor do que até então se ha feito, que o bem de cada parte do corpo social é necessario ao bem dos outros, mórmente quando se trata de desherdados da fortuna ou da sua saude.

Para esta grande obra a realisar, para uma reintegração systematica no grupo socialmente mais forte e mais justo — a familia — todos os esforços são acolhidos e louvados, e até a corrente actual das reivindicações feministas, que é ainda uma força hesitante entre reclamações de ordem geral, encontra na obra da assistencia familiar um objectivo bem digno para valorisar esforços de mulheres realmente superiores pela intelligencia ou pela sentimentalidade caritativa.

A assistencia nas familias, distribuindo uma somma consideravel pelos orçamentos das classes pobres, vae contribuir para melhorar o alojamento d'estas mesmas classes, e por esta razão mais se deve tornar a fôrma normal

e regular em grande numero de casos de doença, cujo tratamento seja possível d'este modo.

O empréstimo de material (roupas, leitos, etc.), o aluguel de soccorro, o *bonus* para alimentação e os cuidados caseiros por auxiliares competentes dos dois sexos, devem também ser organizados no domicilio.

Para os mutilados, assim como para os incuráveis, esta especie de assistencia é ainda a mais humana e commendavel; e na assistencia obstétrica, as vigilantes officiaes, antigas enfermeiras ou parteiras, podem efficazmente preconisar a amamentação materna, ou na sua falta educar as mães e as amas, com maior probabilidade de resultado, na utilização dos meios scientificos modernos — distribuição de leites esterilizados,apparelhos de pasteurisação, etc.

Onde porém a familiarisação acha elementos para ser applicada sem sombra de confronto nas vantagens colhidas e possíveis, é no patronato prestado aos velhos e ás creanças.

A primeira fórma preferivel para os velhos válidos e incuráveis privados de recursos deve ser a directamente feita na sua propria familia; quando, porém, isto seja impossível, a assistencia em familia extranha, com assentimento do interessado, e sobretudo no campo, é o que logo depois está indicado.

Com vigilancia efficaz, os velhos, como principio, não devem ser obrigados a trabalhar, e, quando o façam, é justo ser-lhes destinado um salario como nos hospícios e nos asylos.

A hospitalisação ficaria reservada aos enfermos, e d'esta maneira os recursos destinados aos velhos aproveitariam exclusivamente á sua assistencia e não á grande parte do

custeio geral da construção e administração das grandes casas hospitalares. Além do que a sorte dos camponezes trabalhadores e economicos viria a ser melhorada, e a assistência familiar desenvolveria o espirito de solidariedade entre os camponezes, base solida sobre que deve repousar todo o edificio social e economico d'um paiz.

Em França a assistência familiar dos velhos é praticada officialmente na colonia especial mantida no departamento do Sena, com séde em Lurcy-Lévy, e algumas observações interessantes se podem já salientar, segundo uma communicacão datada de 1905, feita á Sociedade internacional para o estudo das questões de assistência, e que trata da colonia.

Lurcy-Lévy foi preferida pela sua população agricola a outras localidades mais industriaes, n'uma região salubre, com uma população de densidade média e caracteristicamente boa e paciente. Os velhos, pensionarios, pagam nas casas particulares um franco diario para alojamento, alimentacão e roupa lavada. Teem liberdade completa e empregam o tempo á sua vontade, depois de haverem recebido da colonia todas as coisas que lhe são necessarias á vida.

A colonisação pratica-se no campo, a distancia dos agglomerados ou no pequeno centro urbano, que é a séde da colonia. Podem collocar-se os pensionistas isoladamente ou confiar muitos ao mesmo hospedeiro (*nourricier*). Qualquer d'estas collocações teem vantagens e inconvenientes particulares, sem razão de preferencia, tanto que alguns que, antes de partir, pedem a collocação individual no pequeno centro urbano, chegados lá escolhem a estada no campo ou em grupo. Ha uma enfermaria sómente para elles; communicacões estabelecidas com Paris, facilitando-lhes viagens a esta cidade, e ás suas familias viagens á colonia; e possi-

bilidade de encontrar no local pequenos trabalhos, que lhes permittam alguma retribuição. Recebem, além do tabaco do hospicio, um franco por mez (*sou de poche*), porque seria uma deshumanidade dizer ao velho, que não pôde já trabalhar, que a partir do dia da sua admissão nunca mais, em nenhuma circumstancia, receberá dinheiro.

As influencias perniciosamente individualistas, que o asylo incute, tornam-se patentes quando é necessario ao principio collocar indigentes na colonia. Desviar velhos asylados, com soccorro representativo, é empreza difficil e contra a sua vontade, ao passo que os postulantes, ainda não hospitalisados, acolhem favoravelmente a sua collocação familiar. Mesmo depois de collocados, nota-se que só se harmonisam ao systema os que não entraram no asylo ou não se demoraram lá; para esta especie de assistencia é necessario escolher individuos cuja adaptação social e familiar ainda não esteja atrophada. No hospicio nasce aos interessados a preocupação do regulamento, dos seus direitos e dos seus interesses. Para se poder habituar á colonia é necessario não ter sido influenciado pela hospitalisação. «É como um arbusto que se quizesse replantar depois de lhe haver cortado as raizes».

Na installação da colonia escolheram-se os individuos a collocar, pelas suas naturalidades, fazendo-se a colonisação por grupos de origem identica, mantendo entre si uma permanente ligação. Dos 7 casaes existentes em 1905, é curioso registar, que 3 tinham sido constituídos, posteriormente á admissão na colonia, por casamento entre velhos protegidos.

Lurcy-Lévy, iniciada em julho de 1903, tinha collocados, á data da communicação referida, 91 velhos, e dispendido durante o anno de 1904, quarenta e cinco mil francos.

As creanças são as que mais teem a lucrar com o

desenvolvimento das *colonias de saude no campo*, para filhos de tuberculosos, com todas as medidas tendentes a fazer apreciar-lhes as vantagens da vida rural, com tudo que favoreça este exodo, dos desamparados, que se estiolam nas grandes cidades e estão sob a ameaça permanente da tuberculose. O repovoamento dos campos e a readaptação á vida rural devem ser o fim da assistencia familiar da infancia. Além do que ella deve tambem ser orientada para a melhora das habitações e sua collocação em condições de conforto e hygiene. Assim a educação caseira das creanças e dos seus hospedeiros (*nourriciers*) póde ajudar poderosamente a diminuir a morbilidade nos campos.

D'entre as creanças, cuja sorte merece cuidados mais attentos e completos, contam-se os abandonados da familia ou realmente sem ella — os orphãos.

No serviço especial destinado a estes, escolheu a assistencia publica franceza a collocação familiar para as creanças. Confiados primeiramente á familia para os educar, são aos 13 annos collocados em casa de cultivadores, que os ensinam e lhes dão parte dos salarios ganhos. O numero de creanças assim protegidas pela assistencia publica foi em 1895, de 37:253, representando uma despeza de 9.336:711 francos.

Ainda tambem a beneficencia particular em França segue o mesmo caminho, e mais de vinte associações ha, que praticam a obra da familiarisação e utilização rural dos seus protegidos, sem amparo e abandonados.

Sempre que podem ou sabem por meio de inquerito realisado, que a creança tem um avô, um tio, um parente honesto, cuja pobreza lhe não consente recolher o orphão, é a elles que naturalmente este é confiado, e entregue a

retribuição annual. Realisa-se por esta fórma a assistencia familiar n'um grau de elevada perfeição.

Todas estas instituições teem o mesmo objectivo na educação das centenas de orphãos de que cuidam; estabelecer uma residencia moral aos orphãos abandonados nas cidades, dar-lhes o exemplo dos pequenos cultivadores, artistas ou commerciantes, que, carregados de numerosos filhos, os empregam uma parte do anno, quando podem prestar serviços pagos, e em que o amor de familia se transmite de geração em geração e o lar é um asylo nos accidentes da vida.

Nas colonias francezas, duas instituições religiosas, aproveitando a collocação de orphãos indigenas, constituem aldeias especiaes, florescentes e uteis; são as fundadas pelo Cardeal Lavigerie, interessantissimas e dignas do maior louvor.

Fóra de França a idéa da educação familiar e reintegração rural tem conseguido o auxilio das sociedades beneficentes e a approvação de intellectuaes conhecidos e distinctos. A *Unione per il bene* de Veneza tem como propagandista convicto e activo o litterato Fogazzaro, e do seu programma consta a formação d'um asylo-familia, que recolha n'alguma pequena casa de campo grupos de seis a doze creanças abandonadas, que alli se educarão e instruirão, dirigidas maternalmente por uma mulher experiente. Longe do contagio das grandes cidades, n'um meio são e affectuoso, ellas aprenderão assim a amar e a cultivar a terra, gosando uma vida de familia, impossivel n'estas especies de caserna, que são muitas vezes os orphanatos.

Bella escola de desenvolvimento do character, da individualidade, de todas as virtudes sociaes, estas novas casas de educação seriam como culturas multiplas em que vi-

riam formar-se futuros maridos e paes de familia conscienciosos, futuras esposas e mães exemplares, honestos artistas e camponeses sãos e trabalhadores.

Creanças educadas no amor da patria, accordaria n'ellas a ambição de contribuir para a tornar mais bella e mais rica, trabalhando para o bom rendimento das suas terras incultas, dispartando-lhes a paixão pela agricultura, o gosto pela vida simples dos campos, o interesse pelos conhecimentos da natureza uteis na vida pratica e distrações tanto mais vantajosas quanto são instructivas.

A educação não se póde resumir nos ensinamentos theoricos e praticos dados methodicamente:—a escola mais efficaz é a da vida real. A formação do character e das convicções depende muito mais das impressões provindo do acaso, da influencia inconsciente exercida pelo meio em que se vive, da atmosphaera moral, do juizo dos camaradas, do que dos ensinos directos dados pelos superiores.

Raramente a influencia benefica d'um educador chega a contrabalançar a influencia fatal d'um meio desfavoravel. Nas cidades, o povo tem em pouca conta o homem do campo, e raros serão os abandonados, que, tendo soffrido n'ellas a educação, se abalancem a ser agricultores. E' por isso que se deve fazer crescer as creanças n'um meio exterior muito semelhante áquelle em que estão destinadas a viver, quando se tornarem adultos, e proceder de modo que vivam a vida de familia e não a vida pouco natural dos collegiaes.

A Allemanha adoptou officialmente o systema de collocação dos orphãos nas familias, e os Estados-Unidos teem a *Children's house society of Wisconsin*, que se encarrega da collocação familiar das creanças abandonadas,

nos 27 estados da União. Esta sociedade recolheu já perto de trinta mil orphãos nas condições da assistencia necessaria; e muitos estabelecimentos officiaes reduziram as admissões, ou mesmo terminaram, ao passo que progride o systema familiar de patronato.

Em tres cidades belgas, Bruxellas, Antuerpia e Liège, crearam-se sociedades de beneficencia para creanças moralmente abandonadas, e cuidam já d'um numero consideravel n'estas condições. Teem tambem por ideal trabalhar em reconstituir a familia sobre as suas bases naturaes, e a assistencia fornecida destina-se aos orphãos, creanças abandonadas e moralmente abandonadas, e áquellas cuja familia é incompleta ou deslocada. Entram n'este grupo os pequenos seres, numerosos nos meios obreiros, e cuja protecção é das mais justas. Nas grandes cidades industriaes, onde a familia está mais desorganizada, a frequencia da união livre, o alcoolismo, a fabrica, são outros tantos factores de desorganisação social que, nas classes miseraveis, necessitam remedio. « O pae vae para o trabalho, mas como as boccas a satisfazer são muito numerosas e o seu salario não chega, a mãe vae igualmente para a fabrica. Desde este momento o lar está destruido, a familia desorganizada e a creança exposta á miseria e ao vicio, a meio caminho da orphanade. Ha em França mais de cem mil creanças n'estes casos ». *Dr. Léon Petit, Conferencia na assembléa geral do orphanato do Sena.*

A assistencia nas familias até á idade adulta, um reinternato nos campos productores, uma educação profissional, a cultura dos sentimentos moraes e de solidariedade, o aproveitamento regional de tantos elementos necessarios, está decerto indicado para obviar a uma grande parte d'estes perigos e isso mesmo já hoje se pensa por toda a parte.

Em Portugal em pequena escala se pratica a assistencia nas familias para os orphãos, mas a utilização rural d'elles, no paiz inculto a maior parte, não lembrou ainda como systema aos *philantropos* nacionaes.

A obra larga dos cuidados á creança generalisou-se já aos escolares em tempo de repouso intellectual, affirmando a necessidade que existia do grande ar e do exercicio da força physica para equilibrar o desenvolvimento moral e da intelligencia. A pratica dos *sports* juntou-se ao beneficio reconhecido do ar dos prados e dos bosques, e foi assim que se crearam as colonias de férias. Mas para evitar a communidade dos primeiros tempos de prática d'estas colonias, actualmente a Allemanha, a Inglaterra, os Estados-Unidos e sobretudo a Dinamarca, substituíram-nas em grande parte pela collocação familiar. As creanças acolhidas separadamente ou por pequenos grupos nas familias dos camponezes ou dos pescadores reúnem-se unicamente para os jogos e para os passeios, e algumas vezes nem mesmo para isso.

Esta collocação fóra do meio habitual póde ser que desenvolva a curiosidade e o gosto pela vida simples e livre do camponez, no habitante da cidade, que os desconhecia, e é com este intuito que a Dinamarca desenvolve a seguinte prática: — de julho a setembro, nas linhas de Jutlandia, de Seelandia e da Fionia, as creanças das escolas communaes espalham-se por todo o paiz em comboios de férias, ao passo que os pequenos camponezes veem visitar a cidade e familiarisarem-se com os seus usos. — Mutuamente as familias tratam os filhos dos outros da fórmula que desejam serem tratados os seus. O estado paga os serviços de transporte nas linhas ferreas e navios a vapor.

Além da assistencia necessaria ás creanças saudaveis,

o que não seria necessario fazer para as outras? A assistencia publica franceza possui para os pequenos parisienses rachiticos ou escrofulosos, as excellentes installações de Berch e Hendaya, que, apesar de tudo, ainda são insufficientes. Junta-se-lhe a iniciativa particular, sobretudo a casa hospitalar da baroneza de Rotschild, em Berck, perfeitamente organizada e praticando tambem a assistencia familiar. A secção *Para a creança*, da sociedade de assistencia familiar franceza, tem dois centros de collocação: Villejuif, dirigido por Marie, e Vains, perto de Avranches, dirigido por Béchet. Em ambos os centros se collocam grande numero de creanças. Estas obras, d'uma philantropia tão louvavel, quantos casos tem ainda a remediar?

A classe indigente paga pelo progresso do alcoolismo e pelo seu exodo do campo para a cidade, o maior tributo ás doenças nervosas, osseas e gastro-intestinaes, que se manifestam geralmente na primeira e segunda infancia, quando aliás tanto convém que a população obreira d'um paiz seja sã, robusta e bem equilibrada. A assistencia familiar das creanças deveria existir para ellas.

Quanto conviria como prophylaxia social a educação das creanças retardadas por causa, em grande numero, de affecções maternas durante a gestação, a dequitação, e doenças consecutivas da primeira infancia, e como, para obstar á sua vagabundagem, seria a melhor solução para a grande maioria, a collocação nas familias!

E' assim, pois, que em multiplos casos se affirma a superioridade, como a fôrma mais natural, mais livre, melhor e menos dispendiosa, da assistencia familiar, demonstrada como está a sua proficuidade, no tratamento nas familias, hoje já praticado em muita parte, com os doentes mais perigosos e mais difficeis de assistir por este meio — os alienados.

CAPITULO II

As colonias familiaes da Belgica. — Gheel e Lierneux

Gheel é a primeira colonia regular de patronato hetero-familiar; — a primeira no tempo, e ainda hoje a primeira na importancia numerica dos seus doentes.

Das diversas publicações, que dão informes ácerca da colonia, apura-se que ella representa no tratamento, ou melhor na assistencia dos doentes alienados, uma instituição original e digna de attenção e até mesmo merecedora de se incitar e applaudir com enthusiasmo.

Com um principio medievo e lendario, datando provavelmente do seculo vii, Gheel antecipou-se, nos cuidados aos seus internados, á reforma libertadora de Pinel, que assemelhando os alienados a doentes de qualquer outra especie, conseguiu abolir em França, quando Tuke o fazia tambem em Inglaterra, as cadeias, os collares de ferro, as cinturas de ferro, os ferros para os pés e para as mãos, que por toda a parte brutalisavam os pobres loucos.

Conta-se que, em 1792, Pinel conseguiu que o communista Couthon o acompanhasse á Bicêtre, n'uma visita feita, tinha dito este, para vêr se aquelle guardava lá o que elle chamava pomposamente os *inimigos do povo*. De-

pois da visita no meio de vociferações e gritos, apostrophou Pinel dizendo-lhe: «Pareces-me doido por queres tirar as cadeias a taes animaes!» E perante a insistencia d'elle, acabou por dar consentimento, não occultando, no emtanto, ainda o medo, que semelhante acto lhe inspirava. Pinel libertou-os e só encontrou tranquillidade e socego depois d'isso.

Historicamente a associação dos alienados á vida de familia social, á vida livre e activa, data do sacrificio d'essa virgem irlandeza chamada Dymphna, que, perseguida pelo amor incestuoso do rei, seu pae, deixou a patria e se refugiou em Gheel. Ahi foi morta pelo que lhe queria roubar a sua fé e a sua honra; e a crueldade d'essa scena tragica emocionou profundamente todos, a ponto que alguns loucos se curaram. Desde então a martyr foi invocada como padroeira dos alienados e o seu templo tornou-se refugio d'uma multidão de infelizes, que imploravam a sua intercessão.

Insufficiente o Ziekenkamer, quarto dos doentes na egreja, estes quando não haviam recuperado a razão depois da primeira novena a que assistiam, ficavam em casa dos habitantes mais proximos, onde esperavam a festa do anniversario do sacrificio de Dymphna, a 30 de maio.

D'esta época religiosa e inicial existem os registos da egreja com noticia dos exorcismos praticados. Uma vez os demonios fugiam promptamente da cabeça das victimas, outras vezes a sua fuga era progressiva, com demora, e á custa de muitas rézas.

Os registos indicam, tambem, os cuidados complementares d'esta convalescença, affirma-se, segundo regras relativamente muito acertadas e mais inspiradas, no ponto de vista somatico, do que se poderia julgar n'uma época tida

geralmente como barbara, e que mostram uma comprehensão verdadeiramente rara das necessidades do alienado convalescente.

Actualmente Gheel, segundo a narrativa do snr. dr. Magalhães Lemos, occupa uma area de 1:853 hectares, sendo o seu maior comprimento do norte a sul de 18:120 metros e a maior largura de léste a oeste de 13:612 metros. Situada na vasta região da Campina, é servida por duas linhas de caminho de ferro (Antuerpia-Gladbach e Malines-West-meerbeek-Gheel). Comprehende o seu territorio rural vinte e duas aldeias com seis parochias, ascendendo a sua população a perto de 6:000 habitantes. A communa é uma das maiores da Belgica.

A colonia compõe-se de duas partes distinctas: a enfermaria, que comporta até sessenta e cinco doentes, e a colonia propriamente dita.

A enfermaria é dividida em duas secções, para homens e para mulheres, havendo em cada secção cellas para isolamento; e actualmente destina-se a receber doentes em qualquer dos tres seguintes casos: doentes recentemente chegados e postos em observação durante os cinco primeiros dias, antes de serem collocados nas familias; doentes que são internados por medida sanitaria por serem attingidos por affecções inteiramente graves e não podem receber cuidados em casa dos hospedeiros (*nourriciers*), ou os que recusam comer; doentes que são internados por medida de ordem, tendo-se tornado culpaveis de insubordinação, de excessos alcoolicos, etc.

Installada em condições optimas de hygiene, mantida com o aceio caracteristico do paiz, a enfermaria tem ainda um serviço de banhos permanente, que em mais quatro casas situadas nos extremos da colonia, em Steelen ao sul,

em Larun a poente, em Kievermont ao nascente e em Holven ao norte, formam a séde das installações hydrotherapicas da localidade; sala para serviço de autopsias, e laboratorio de chimica e de anatomia pathologica com direcção medica proficiente.

O corpo medico da colonia compõe-se de seis medicos especialistas, a quem não é permittido a clinica particular. D'estes, quatro cuidam em separado das secções distinctas em que a colonia se divide, e com remuneração condigna.

A vigilancia official exerce-se permanentemente por intermedio de comités que são:—*commissão superior*, composta do governador da provincia, procurador do rei na circumscripção, juiz de paz do cantão, burgo-mestre da communa e um medico nomeado pelo governo: occupa-se de todas as questões administrativas, mas praticamente e sua vigilancia fica limitada á enfermaria; e *comité permanente de inspecção e vigilancia*, composto de cinco membros nomeados pelo ministerio da justiça, sob a presidencia do burgo-mestre, e encarregado de velar pelo bom estado e interesses dos alienados, receber e pagar as despezas de sustentação e as pensões, vigiar os hospedeiros (*nourriciers*) e fazer executar o regulamento e as ordens. Este comité sub-divide-se em duas secções, que fazem cada uma separadamente uma visita annual. O secretario tem a missão de cuidar pela boa disposição dos alojamentos.

O medico director vê duas vezes por anno todos os doentes, e os medicos principaes e seus adjuntos uma vez por mez, pelo menos, os doentes incuraveis, e uma vez por semana os que apresentam probabilidades de cura. Os enfermeiros, guardas de secção, em numero de oito, devem percorrer todo o dia a secção que lhes compete, visitar os

quartos, assegurando-se, tanto de dia como de noite, de que os alienados são tratados e cuidados conforme os preceitos regulamentares. Visitam cada doente da sua secção duas vezes por mez, pelo menos.

A colonia propriamente dita é formada pelas casas dos differentes habitantes do povoado ou dos camponezes, que albergam e tratam os doentes alienados.

N'esta vida de solidariedade, n'este meio livre e affectuoso, o alienado gosa por completo a vida, tal qual os membros da familia que o recebe: quando é possivel, come á sua mesa, acompanha-a á egreja, trabalha ao seu lado, ainda que pouco, e ao domingo o dono da casa dá-lhe, como a seus filhos, uma retribuição variavel. Para impedir a distincção entre os alienados e os membros da familia, o regulamento não permite que mais de dois sejam confiados a um *nourricier*, sendo esta prescrição cumprida sempre rigorosamente.

Os meios de repressão desapareceram progressivamente. O *nourricier* não tem o direito de fechar um doente no quarto, e, se em casos excepcionaes fôr obrigado a recorrer a esta medida, deve desde logo prevenir o medico e o guarda da secção. Sómente, para certos doentes, que se entregam ao onanismo, que se despem ou que rasgam o vestuario, são officialmente toleradas as luvras de tela ou de coiro. E' o unico meio de coerção reconhecido.

Quando apparece um individuo violento, aggressivo, intratavel, perigoso n'um meio de numerosissima população alienada, e quando a sua estada no *nourricier* se torna impossivel, é internado na enfermaria e transferido depois para um estabelecimento fechado. Assim é que a colonia distribue a sua assistencia especial a uma percentagem

de doentes, que excede o oitavo de todos os alienados do paiz.

Em Gheel o patronato familiar dos alienados tornou-se uma industria local. Quasi todos os habitantes, com excepção dos mais ricos, se encarregam de doentes e receberiam de boamente mais de dois se o regulamento lh'o permitisse. Os proprietarios, tendo interesse em que os seus locatarios possam com facilidade dar albergue a pensionistas, que lhes garantam o aluguel, fazem construir, em quasi todas as novas casas, dois quartos destinados a receber-os. E, como ha sempre um grande numero de quartos disponiveis, de modo a crear-se uma verdadeira concorrência, a administração muda immediatamente o alienado, ao mais pequeno abuso commettido.

Completamente voluntario, o trabalho dos doentes é realisado por alguns com o proposito de melhorar a sua sorte. Uns retomam a pequena industria, que exerciam, e outros vão empregar-se, mediante salario, em casa dos diversos habitantes da terra, que os recebem de bom grado.

Em geral, porém, o doente fica em casa e cria laços estreitos de affeição com os seus *nourriciers*, sobretudo com as creanças, que gosam um papel importante na sua aclimação e tratamento moral. Assim citam-se casos de doentes, que, depois da cura, acabaram por se confundir com a familia que os havia recebido.

Comprehende-se perfeitamente que este modo de isolamento, no meio de pessoas sensatas, seja mais favoravel do que o isolamento nos asylos, no meio de outros loucos, entre os quaes nenhum sentimento de familiaridade certamente se pôde desenvolver, e accrescente-se ainda que para o bom resultado disciplinar da colonia concorre tambem poderosamente o trabalho, para o qual o doente tão

diversamente é suggestionado e em que quasi sempre vem a tomar parte. A demonstração d'este facto faz-se evidentemente com a nota dos accidentes e evasões, que occorrem quasi sempre ao domingo, dia obrigatorio de descanso e de menor vigilancia da população.

O canal de Campina e a via ferrea não teem occasionado desastres, numericamente dignos de nota. E são muito raros na colonia os accidentes sexuaes entre as doentes.

A importancia recebida pelos *nourriciers*, em paga do albergue fornecido, é de 70 centimos, com a obrigação de se submeterem ao regulamento, que impõe um certo alojamento e fixa condições de habitabilidade impreteriveis.

Os typos de casas dos *nourriciers* existentes são principalmente dois: o typo rural, as granjas dos agricultores; e o typo das casas dos commerciantes do centro, onde vivem os varios artifices de Gheel.

N'aquellas primeiras, a cosinha é o logar por onde se entra na granja e o ponto central de toda a casa. Reune-se alli a familia, toma alli as refeições, lavam e vestem as creanças, batem lá a manteiga. Tem o defeito de ser destinada a serviços variados, e a sua simplificação e desdobramento é aconselhada e praticada modernamente. Segue-se-lhe a sala de reunião nos dias de festa, sitio escolhido para permanencia no inverno, em volta do fogão; para ella abrem os quartos dos alienados. Estes quartos são contiguos e, segundo o regulamento, devem ter, pelo menos, 6 metros quadrados de superficie, 2 e meio de altura, uma janella com 1 metro de altura por 75 centimetros de largura, que se abra livremente, e ser de paredes caiadas.

Nas casas do outro typo as alterações não são essenciaes, porque se mantem os habitos de vida, que traz a uti-

lisação d'um mesmo compartimento para o viver commum, o que é principalmente tido como pernicioso.

Graças aos modernos processos de exploração das granjas, nota-se na população rural de Gheel um bem estar material visível e uma situação economica solida. Por toda a parte se vê como que uma febre de construcções, que tem sido dirigidas habilmente pelos conhecimentos technicos e dedicação profissional dos homens a quem interessa o progresso da população tão especial d'esta localidade flamenga. As modernas casas construidas seguem em geral um typo estudado, melhorando immensamente as condições hygienicas dentro do typo regional, que não foi alterado profundamente.

Além das disposições particulares nas casas, exigidas aos *nourriciers* para albergar o doente, compete ao mesmo vigiar pela limpeza e segurança do alienado por que é responsavel.

Os vestuarios são fornecidos pela administração e feitos, para todos, da mesma fazenda; no emtanto, como aos doentes, que trabalham, é facil adquirir outro qualquer, e como o modo de os confeccionar não é uniforme, succede que elles não são reconhecidos, a um exame superficial, nas ruas, onde se confundem na vida commum. Por toda a parte gozam de plena liberdade, passando como habituaes os seus gestos e incoherencias.

E a colonia affirma-se na sua obra, de mutua fiscalisação atravez dos variados cargos e serviços. Os doentes, os differentes *nourriciers*, levados um pouco por emulação, os habitantes, ainda os que não representam nenhum papel na colonia, mas interessados sempre pela boa ordem d'ella, os estranhos que a visitam, vão elevando Gheel progressivamente á altura d'uma instituição de primeira grandeza.

Os resultados therapeuticos e de frequencia, nos ultimos annos, constam dos seguintes numeros:

| Annos | Frequencia | Curas | Melhoras | Mortalidade (por cento) |
|-------|------------|-------|----------|----------------------------|
| 1889 | 1846 | 40 | 9 | 6,03 |
| 1890 | 1852 | 55 | 11 | 6,3 |
| 1891 | 1854 | 50 | 7 | 9,3 |
| 1892 | 1854 | 46 | 15 | 8,4 |
| 1893 | 1875 | 45 | 7 | 6,4 |
| 1894 | 1886 | 42 | 6 | 5,9 |
| 1895 | 1916 | 45 | 7 | 5,4 |
| 1896 | 1983 | 30 | 8 | 5,5 |
| 1897 | 1973 | 29 | 7 | 5,7 |
| 1898 | 1983 | 29 | 7 | 5,3 |
| 1899 | 1954 | 22 | 2 | 5,7 |
| 1900 | 1957 | 23 | 19 | 5,2 |
| 1901 | 1853 | 26 | 23 | 6,01 |
| 1902 | 1849 | 21 | 11 | 4,07 |
| 1903 | 1834 | 18 | 7 | 4,04 |
| 1904 | 1886 | 27 | 6 | 4,9 |
| 1905 | 1844 | 26 | 14 | 5,85 |

Como se vê, a frequencia diminuiu ultimamente, como tambem diminuiu em Lierneux. No emtanto, a percentagem dos alienados sóbe, no paiz, de tal fôrma que, sendo estes em numero de 8250 em 1881, eram; em 1902, em numero de 15:982; e assim este excedente, necessitando de assistencia, tomou logar nos asylos fechados, que se desenvolvem na terra inicial do patronato nas familias.

Ao passo que em 1902 os asylos receberam 2374 homens e 1672 mulheres, Gheel e Lierneux receberam respectivamente 95 e 69 homens e 67 e 31 mulheres. Não parece que seja razoavel esta corrente tão intensa de internatos. Calculando que 20 por cento da totalidade dos doentes

internados eram proprios para a vida livre, resulta que 3200 poderiam utilizar as vantagens do systema familiar. Realmente, muitos casos de chronicidade e outros erradamente designados incuraveis são indicados para occupar fóra dos asylos o logar, que lhes compete em colonias. Assim os idiotas e os imbecis mais ou menos educados, os debeis com ou sem delirio, um grande numero de delirantes perseguidos, os epilepticos de accessos pouco intensos e pouco frequentes, os dementes, os alcoolicos, os hystericos e, emfim, os convalescentes, são susceptiveis de dar provas em familia das suas aptidões para a vida social.

Compreende-se bem que outros casos estão contraindicados para a assistencia por este meio, mas subsiste o facto d'um numero importante de doentes aproveitarem com um regimen, que deve apontar-se como livrando o alienado das tres coisas dolorosas, que mais salientemente ha a reprovar nos asylos: a sequestração, a ociosidade e o contacto com os outros alienados.

A frequencia, pois, dos alienados nas colonias mostra ser injustamente inferior á que deveria usufruir os seus beneficios, visto que medicamente está indicado, a uma percentagem relativamente grande d'estes doentes, ser possivel, sem inconveniente e até com vantagens evidentes, utilizar este systema com a mudança de meio, que é um dos maiores serviços da colonia.

Gheel póde soffrer os ataques dos medicos de asylo, que a visitam e notam falta de systematisação e de assistencia medica permanente, que ainda assim possui, porque, se, como estabelecimento de tratamento é discutivel a sua primasia, como estabelecimento de refugio para indigentes em condições d'uma assistencia familiar desvelada,

fica como uma instituição digna de estudo e de admiração, e merecedora, ainda mais, de ser imitada.

A colonia de alienados na Flandres, entregue por completo ao cuidado dos seus doentes, acolhidos e tratados com solicitude e gosando d'uma benefica liberdade e do concheço d'uma vida regular de familia, provocou a instalação d'uma outra colonia, em virtude, sobretudo, das relações dos naturaes das provincias de Hainaut, Liège, Namur, Luxemburgo e d'uma parte do Brabante para com os flamengos.

Foi assim que, considerando que as colonias de alienados, são, em qualquer paiz, na região onde se fixem, um sério elemento de progresso para uma população indigente, digno de merecer a protecção e os cuidados dos administradores solícitos, inaugurou-se, em abril de 1884, na comuna de Lierneux, a nova colonia com dois alienados de cada sexo, vindos de Gheel, escolhidos entre os que eram tranquillos e trabalhadores, e destinada exclusivamente aos alienados wallões.

A sua formação e o seu desenvolvimento tem a importancia de vir mostrar, contra a opinião de varios que haviam já tratado a questão do patronato familiar dos alienados, que — para crear uma similar de Gheel não são precisos seculos.

Muito póde o esforço intelligente dos que se propõem dar solução a um problema de tanto interesse e estudo; e muito se conseguirá com a comprehensão completa e moderna do modo como será necessario consideral-o, de

sorte que fructifique uma instituição de tão reaes vantagens e que sobremodo se impõe.

Lierneux não tinha tradições religiosas, as tradições de toda a ordem que fizeram do habitante de Gheel, atravez de tempo e pelo habito adquirido, um enfermeiro e um *nourricier* habilissimo e invulgar; e era uma falta consideravel. Mas no paiz flamengo, ao principiar 1884, havia perto de quinhentos doentes, que fallavam o francez, e tinham costumes totalmente diversos dos das familias, que os recebiam, obrigados a uma alimentação muito differente d'aquella a que estavam acostumados.

Assim, um tão grande numero de doentes soffria uma especie de exilio, dentro do proprio paiz de origem, quando para os wallões, o tratamento nas familias era um facto acceito como util e recommendavel, pois que recorriam a elle, ainda mesmo sem poder aproveitar todas as vantagens procuradas e prestadas.

A lei de 14 de março de 1886 sobre o *domicilio de soccorro* veio augmentar em progressão notavel a população dos asylos, porque muitos foram os alienados que, ao abrigo das disposições d'essa medida de previdencia, passaram a auferir os tres quartos da despeza com o seu sustento pagos do fundo commum.

Se anteriormente os asylos encerravam um grande numero de alienados, cujo logar seria melhor nos hospicios ou nas casas de refugio, a partir da execução da lei a maior parte das communas, com o fim de aproveitar o fundo commum instituido, apressaram-se em fazer retirar dos seus hospicios todos os velhos atacados de demencia senil e individuos em estado de imbecilidade, para os ir collocando abusivamente nos asylos, que d'este modo se accumulavam ou ficavam repletos.

Indubitavelmente elles occuparam alli um logar, que não era o que lhes devia ser destinado, porque para os alienados, cuja presença pôde ser perigosa na sociedade, nocivos a si mesmo, ou fazendo perigar os outros, e ainda para os doentes mentaes de quem é provavel esperar a cura, é que esses logares deviam ser reservados.

D'esta fôrma os asylos ameaçavam tornar-se, ou chegaram a tornar-se realmente, insufficientes; e perante a questão ponderavel das grandes sommas, de que era preciso dispôr para a construcção de novos asylos, o recurso á colonisação d'esses desgraçados, indigentes, velhos e inoffensivos, começou a tomar vulto e a apparecer como unica solução a um problema de tão elevada importancia. Mesmo porque os asylos, embora construidos dispendiosamente, não obviariam senão por momento aos abusos e aos inconvenientes, que se pretendera remediar. Os velhos e os imbecis continuariam a ser enviados para alli, e em breve praso reappareceria uma situação embaraçosa, repetindo-se a situação anterior.

Nos asylos da Belgica havia em internato um total de nove mil alienados, do numero dos quaes era possivel, pelo menos, abater dois mil, que sem inconveniente seriam conservados nas suas familias, caso estas possuissem os meios precisos, ou seriam collocados n'uma casa de refugio ou n'uma colonia. Ficaria assim disponivel o alojamento d'elles para os doidos que necessariamente devem soffrer o regimen fechado, e o erario nacional vêr-se-ia liberto, por largo tempo, do encargo de fazer construir os estabelecimentos especiaes dispendiosos, que se tornavam necessarios.

Calculando que cada logar n'estes estabelecimentos viria a custar 3:500 francos, o minimo, os asylos, para po-

derem receber dois mil alienados, traziam para o estado a despesa de sete milhões.

Não sendo preciso edificar as colonias e custando, por individuo, o sustento diario da sua população, menos do que no asylo, affirmou-se que a economia resultante d'este processo para as communes, devia ser computado em 180:000 francos.

As colonias eram, pois, a solução, e uma bella acção humanitaria fazer regressar ás suas terras de origem, os quinhentos doentes wallões emigrados em Gheel, tanto mais que, para uma communa onde se estabelecesse uma colonia d'esta ordem e para os seus habitantes, essa colonia, certamente, viria a tornar-se, para elles e para a communa, n'uma fonte inexaurivel de beneficios e de bem estar. Segundo Oudart o orçamento para o exercicio de 1883 na colonia de Gheel accusava uma receita superior a 700:000 francos.

Para substituir a falta da lenda religiosa, começaram os homens empenhados n'este empreendimento a demonstrar ás populações as suas conveniencias economicas e as vantagens d'elle resultantes. Foi-lhes dito que, admittindo os doentes, aproveitavam com o seu trabalho, e garantido que seriam pagas todas as despesas do custeamento com os hospedes.

E foi este lado vantajoso que principalmente lhes fizeram salientar. Houve, como era de prevêr, uma certa reluctancia ao começo. As diversas corporações, a quem successivamente o inspector geral dos estabelecimentos de beneficencia se dirigiu para a installação da colonia, vacilaram ante as difficuldades, que uma semelhante empreza lhes parecia dever dar logar, não deixando comtudo de

reconhecer os serviços, que proviriam e haveria a esperar com muito fundamento, da sua realisação.

O terror do contagio era tal, que, quando Lierneux foi definitivamente escolhida para a installação da colonia, e a deputação encarregada se dirigiu alli, n'uma ultima visita de inquerito e de estudo, foi mal recebida, mesmo até pelo burgomestre, que lhe quiz oppôr resistencia e lhe disse:— « que nada era mais contagioso do que a loucura, e que enquanto elle fosse burgomestre nunca um doido entraria em Lierneux ».

A voz da resistencia instinctiva e sem razão foi a voz das auctoridades locais, foi quasi a voz geral, até ao convencimento, que veio em breve, da utilidade da instituição e do processo combatido.

Este burgomestre representou, decerto, depois um papel anonymo, mas nem por isso menos importante, no futuro da colonia. Os outros habitantes, desde que se familiarisaram com os alienados, que viram a sua attitude, e muito principalmente desde que começaram a conhecer e a verificar as importantes vantagens, que uma colonia assim devia produzir, tanto para a sua economia particular como para o desenvolvimento de toda a communa, trocaram promptamente a sua opposição de prudentes pelo entusiasmo das creaturas práticas e de bom governo.

Foi assim que havia já inscriptos como *nourriciers* 40 a 50 individuos, quando ainda sómente existiam na localidade, mais para experiencia do que com character definitivo, quatro dos mais trabalhadores e tranquilllos.

As familias acceitaram sem grande difficuldade o viver continuamente com os loucos, e não houve, com relação ao contagio, perigo algum n'esse contacto demorado, como tambem já não tinha havido em Gheel, onde o re-

censeamento de alienados na commune, em junho de 1878, accusando a existencia de 17 n'um numero de 10:502 habitantes, apontava o da commune de Braine-L'Alleud, que em 6617 habitantes tinha egualmente o mesmo numero.

As dificuldades foram desaparecendo e a colonia começou a progredir.

Lierneux, situada ao sul da provincia de Liège, está no triangulo formado pelas tres cidades de Stavelot, Laroche e Houffalize, a 20 kilometros approximadamente de cada uma. Occupa uma área de 6325 hectares, com uma população de perto de 2500 habitantes. A actual commune compõe-se d'um nucleo central de habitações, que constitue a aldeia, e dezoito logares repartidos por cinco parochias.

Depois de cinco dias de observação na enfermaria, os doentes são collocados nas differentes famílias.

A colonia, que, em 1884, albergou sómente 26 doentes, tinha, doze annos depois, 419 pensionarios com as doenças seguintes: mania e delirio, melancholia, loucura systematisada, loucura periodica, demencia, paralysisa geral, alcoolismo, epilepsia e hysteria, loucura moral, idiotia e imbecilidade.

N'aquelle numero de 419 doentes, 233 eram do sexo masculino e 186 do feminino. Effectuaram-se 113 curas de 1885 a 1897, representando uma percentagem de 10 por cento.

Nas occupações e profissões dos doentes, em 1896, havia 98 em trabalhos agricolas, 102 nos trabalhos caseiros e guarda de creanças, e 23 em varias industrias. Subia n'esta data a 390 o numero de *nourriciers* inscriptos, dispondo de 530 quartos, destinados a alienados.

Desde a sua fundação a colonia tem recebido 1600

alienados. Em 1901 existiam lá 163 homens e 180 mulheres, e quatro annos depois, 551 doentes; e apesar de continuar a construcção de asylos fechados, a sua existencia está firmemente garantida, pensando-se na organização d'uma outra.

Os trabalhos iniciaes exigiram todo o cuidado de analyse e circumspecção para evitar a admissão ou permanencia de algum doente, que, por desastre, viesse comprometter o começo d'um commettimento, que só pedia louvores, e merecia que nelle se depositassem esperanças. Nenhum doente foi recebido, nos primeiros tempos, sem ter estado n'um asylo proprio em observação especial.

Lierneux, emquanto não teve organização definitiva e legal, foi considerada como succursal de Gheel. Os alienados eram mandados da Flandres e ficavam na nova colonia sem matricula; mas dentro de pouco foi legislada e tornada regular a sua existencia.

Tem a data de 11 de fevereiro de 1885 o decreto real, approvando o regulamento especial para a colonia wallã da provincia de Liège. E como para nós haja interesse em conhecer as bases sobre que repousa essa instituição de assistencia, transcrevem-se os artigos principaes d'esse regulamento.

RÈGLEMENT SPÉCIAL

Pour l'organisation de la Colonie d'aliénés de Lierneux.

CHAPITRE I.

DE LA DESTINATION DE L'ÉTABLISSEMENT.

Art. 1^{er}. Les aliénés wallons de toutes catégories peuvent être colloqués dans la commune de Lierneux, sauf ceux à l'égard

desquels il faut employer, avec continuité, les moyens de contrainte et de coercition, les aliénés suicides, homicides et incendiaires, ceux dont les évasions auraient été fréquentes ou dont les affections seraient de nature à troubler la tranquillité ou à blesser la décence publique.

CHAPITRE II.

§ 1^{er}. — *Du placement des aliénés, de la désignation des hôtes et des nourriciers et des conditions auxquelles ils sont soumis.*

Art. 2. Les aliénés ne peuvent être reçus que par les hôtes et les nourriciers qui ont obtenu une autorisation spéciale à cet effet, du Comité permanent dont il est fait mention au chapitre X.

Art. 3. Les hôtes sont les habitants de la commune qui reçoivent les aliénés pensionnaires, et les nourriciers ceux qui reçoivent les aliénés indigents.

Art. 4. Pour obtenir l'autorisation d'être inscrits sur la liste des hôtes ou des nourriciers, les intéressés adressent au comité permanent une demande par écrit, contenant : les nom et prénoms du postulant; la profession; le domicile; le nombre et la désignation des pièces à affecter au logement des aliénés.

Cette autorisation n'est accordée qu'à ceux qui peuvent satisfaire aux conditions essentielles suivantes : de moralité, de soin et de propreté, de nourriture saine et abondante, d'espace, de salubrité et d'aérage des locaux spécialement affectés aux aliénés.

Art. 5. Il est ouvert un registre contenant les nom, prénoms, profession et domicile des hôtes et des nourriciers et la date de l'autorisation qui leur a été accordée.

Art. 6. Le placement chez les hôtes ou nourriciers a lieu en suivant le tour d'inscription au registre mentionné à l'article précédent. Dans le cas où, pour un motif quelconque, l'aliéné devrait être déplacé et envoyé chez un autre hôte ou nourricier, il sera remplacé immédiatement par le premier malade entrant.

Art. 7. Il est expressément interdit de placer des aliénés de sexe différent chez le même nourricier.

Art. 8. Les hôtes ou nourriciers ne peuvent recevoir plus d'un aliéné, sans une autorisation spéciale du gouverneur de la province, président du comité permanent. Ils ne peuvent non plus recevoir des pensionnaires libres, en même temps que des aliénés, sans une semblable autorisation.

Art. 9. Ces autorisations ne sont accordées qu'après que tous les hôtes et nourriciers portés au registre dont il s'agit à l'article 21, sont pourvus d'un aliéné.

Art. 10. Les particuliers peuvent placer leurs aliénés chez tels hôtes qu'ils jugent convenables, sauf à se conformer aux conditions mises à ce placement.

Art. 11. Les parents, tuteurs ou administrateurs qui désirent placer leurs malades en ne payant que le minimum de la pension,

sont tenus de laisser le choix du nourricier au comité permanent, lequel, dans ce cas, assume la responsabilité du régime auquel sont soumis les pensionnaires.

Art. 12. Les parents, tuteurs ou administrations charitables qui entendent payer une pension excédant au moins de 25 francs par an le minimum fixé par le tarif du prix de la journée d'entretien, peuvent choisir ou faire choisir par leurs délégués les hôtes auxquels ils entendent confier leurs malades ou charger de ce soin le comité permanent. Dans tous les cas, les arrangements pris avec les hôtes seront portés à la connaissance du comité, afin que celui-ci puisse s'assurer de l'exécution rigoureuse des conditions du contrat, relativement au bien-être du pensionnaire.

Art. 13. Chaque aliéné est placé sous la garde spéciale et la surveillance directe de l'hôte ou du nourricier chez lequel il est mis en pension. Il ne peut employer à son égard aucune espèce de mesure de coercition ou de contrainte sans y avoir été préalablement autorisé par le médecin.

Art. 14. On remet à l'hôte ou au nourricier un livre indiquant le nom, l'âge, le sexe, la profession, l'état civil et le domicile de l'aliéné qui lui est confié. Ce livret doit être paraphé, lors de chacune de leurs visites, par les personnes préposées à l'inspection et par le médecin. Celui-ci y inscrit les prescriptions médicales et diététiques et les recommandations relatives aux moyens de contrainte, *qui devraient momentanément être employés*. Il sert de compte courant au nourricier et mentionne les paiements qui lui sont fait successivement.

§ 2. — *Nourriture, logement, coucher, habillement et mode d'occupation des aliénés.*

Art. 15. La nourriture des aliénés doit être saine et abondante et, en général, la même que celle de la famille où ils sont placés. En tout cas, ils recevront au moins, par semaine, trois kilogrammes et demi de pain de froment ou de méteil et un kilogramme de viande, indépendamment des légumes, du beurre et de la bière. Les quantités de pain et de viande pourront être réduites d'un sixième pour les femmes et les enfants au-dessous de quinze ans.

Art. 16. Dans les cas spéciaux et particulièrement dans les cas de maladie incidente, le médecin prescrit l'alimentation et envoie à l'infirmerie, s'il est nécessaire, le malade qui aurait besoin d'un régime réparateur extraordinaire.

Art. 17. Les chambres servant de logement aux aliénés doivent, en règle générale, avoir au moins, une surface de 6 mètres carrés et une hauteur de 2 mètres 50 centimètres. Celles au rez-de-chaussée sont élevées au moins d'une marche au dessus du sol. Si elles se trouvent immédiatement sous la toiture, elles seront convenablement plafonnées, en forme de mansarde. Elles doivent être munies de fenêtres pouvant s'ouvrir à volonté, ayant au moins 1

mètre de hauteur sur 75 centimètres de largeur, et garnies de châssis en fer, en cas de besoin. Le sol des chambres sera, de préférence, planchéié ou tout au moins carrelé avec soin.

Art. 18. Deux aliénés ne peuvent être logés dans la même chambre qu'en vertu d'une autorisation spéciale du comité permanent, les médecins entendus; dans ce cas, l'espace doit être calculé à raison de 12 mètres cubes, au minimum, par individu. Cet article est applicable aux chambres dans lesquelles conchieraient plusieurs personnes aliénées ou non aliénées.

Art. 19. Les murs ou le plafond des chambres doivent être blanchis à la chaux, au moins deux fois par an, et aussi souvent, d'ailleurs, que l'exigent l'hygiène et la propreté.

Art. 20. Le membre visiteur, le secrétaire-receveur, les médecins et les gardes de section veillent, au surplus, de la manière la plus attentive, à tout ce qui concerne la salubrité et la bonne tenue des logements. Ils signalent à la commission permanente les locaux qui paraîtraient insalubres ou peu convenables et les nourriciers qui refuseraient ou négligeraient d'exécuter les mesures d'assainissement qui leur seraient recommandées.

Art. 21. Le coucher se compose des objets suivants: un lit en fer ou en bois; une pailleasse et un matelas garni de laine ou de laine et crin mélangés, pour les aliénés propres; un traversin; deux paires de draps de lit de forte toile ou de coton; une, deux ou trois couvertures, dont une au moins de laine, selon la saison; une chaise; une descente de lit; un vase de nuit.

La paille doit renouvelée au moins quatre fois par an et, lorsque les malades sont malpropres, aussi souvent que la propreté l'exige.

Art. 22. Les lits destinés aux aliénés malpropres doivent être tels qu'on puisse les nettoyer entièrement, de manière à éviter toute odeur nuisible ou désagréable. A cet effet, on aura recours à des vases ou baquets placés sous les couchettes et destinés à recueillir les déjections. Ces récipients seront nettoyés et entretenus avec le plus grand soin.

Art. 23. Les vêtements des indigents doivent être propres et décents, sans marque distinctive apparente; ils sont en étoffe de laine, en hiver, et en étoffe de coton, de lin ou mélangée, en été. Les chemises et le linge en général, sont changés, au moins une fois par semaine, et, pour les aliénés malpropres, aussi souvent que le besoin le réclame.

Art. 24. Les aliénés peuvent être occupés par leurs nourriciers à des travaux susceptibles de les distraire, sans les exposer toutefois à une fatigue nuisible. Cette autorisation peut être suspendue ou retirée du moment où l'on en ferait abus. On avisera aussi au moyen d'organiser une école en faveur des aliénés qui seraient capables d'en profiter.

CHAPITRE IV.

II. — DES ÉVASIONS ET DE LA REPRISE DES ALIÉNÉS ÉVADÉS.

Art. 30. Les nourriciers, les infirmiers et les gardes de section sont responsables de l'évasion des aliénés qui leur sont confiés. Lorsqu'ils estiment qu'un aliéné pourrait avoir l'intention de s'évader, quand même il n'y aurait pas eu de tentative à cet effet, ils sont tenus d'en donner immédiatement connaissance au comité, qui prend les mesures nécessaires pour prévenir l'évasion.

Art. 31. En cas de fuite d'un aliéné, l'hôte ou le nourricier chez lequel il était placé en donne sur-le-champ connaissance au garde de section, au secrétaire-receveur et au bourgmestre de la commune, qui prennent, de concert, les mesures nécessaires pour la reprise de l'évadé.

Art. 32. Le tarif d'indemnité pour la reprise des aliénés évadés, est fixé à 75 centimes par 5 kilomètres de distance de l'habitation de leur nourricier. Cette indemnité, ainsi que les frais de route et de séjour dans les asiles provisoires, sont supportés pour trois quarts par le nourricier et pour un quart par le garde de section. Toutefois, si l'aliéné évadé est pensionnaire chez un hôte, celui-ci supporte seul les frais dont il s'agit, le tout sans préjudice du retrait de l'autorisation, le cas échéant.

CHAPITRE V

DU RETRAIT ET DE LA SUSPENSION DES AUTORISATIONS ACCORDÉES AUX NOURRICIERS, ET DES DÉPLACEMENTS.

Art. 33. Tout nourricier qui enfreint les dispositions du règlement, qui refuse, néglige ou est hors d'état de se conformer aux conditions essentielles qui lui sont imposées, est déclaré inhabile à recevoir des aliénés, et l'autorisation qui a pu lui être accordée à cet effet, lui est retirée.

Art. 35. Toute violence ou tout mauvais traitement exercé envers un aliéné est puni du retrait immédiat de l'autorisation, sans préjudice le cas échéant, des poursuites devant les tribunaux.

CHAPITRE VI

DES MOYENS DE SURETÉ ET DE CONTRAINTE.

Art. 38. Les moyens de sûreté et de contrainte ne peuvent être employés que dans des cas tout à fait exceptionnels et ils ne doivent consister que dans l'emploi temporaire de la camisole et du caleçon de force, les ceintures et autres moyens semblables, à indiquer par les médecins, l'isolement dans le logement, le transfert à l'infirmerie. Les gardes de section qui auraient connaissance d'un

acte de violence ou d'un abus quelconque, commis par un hôte ou un nourricier, sont tenus d'en donner immédiatement connaissance au médecin aussi qu'au secrétaire, qui en fait rapport au comité.

CHAPITRE VII

DU RÉGIME MÉDICAL, HYGIÉNIQUE ET PHARMACEUTIQUE

Art. 39. Le Ministre de la justice nomme les médecins attachés à la colonie. Leur traitement est fixé par l'arrêté de nomination.

Art. 40. Le service médical de la colonie comprend : le traitement des aliénés curables, les soins à donner aux incurables et le traitement des maladies incidentes ; la tenue du registre prescrit par l'article 11 de la loi ; la correspondance avec les autorités et les familles, en ce qui concerne l'état physique et moral des aliénés ; la direction et la surveillance des gardes de section, en tant qu'il s'agisse du service médical ; la surveillance des conditions hygiéniques, diététiques et matérielles des aliénés placés chez les nourriciers ; la surveillance des nourriciers, de leur conduite à l'égard des malades, de leur aptitude, de leur zèle et de leur dévouement.

Art. 41. Le médecin visite, *au moins*, une fois par semaine, et plus souvent si l'état de l'aliéné l'exige, les curables et, un fois par mois, au moins, les incurables. Il est accompagné, dans ses visites, par l'un des gardes de la colonie, qui sont chargés de veiller à l'exécution des prescriptions médicales et hygiéniques. Le médecin est, en outre, tenu de se rendre immédiatement auprès de tout malade à la première réquisition de toute personne intéressée.

Art. 42. Le médecin ne peut s'absenter sans une autorisation du comité permanent. Lorsque l'absence doit se prolonger au delà de 5 jours, l'autorisation doit être accordée par la Députation permanente.

Art. 43. Les médecins étrangers à la colonie ne sont admis à traiter les aliénés qui s'y trouvent qu'à titre de consultants.

Art. 44. Il est établi une infirmerie, avec deux sections principales l'une pour les hommes, l'autre pour les femmes.

Art. 45. En règle générale, tout aliéné, avant d'être placé chez un hôte ou un nourricier, est mis en observation à l'infirmerie.

Art. 46. Le séjour de l'infirmerie *est essentiellement temporaire*, et ne peut excéder cinq jours, sans une autorisation spéciale du comité permanent, qui pourra, le cas échéant, dispenser du séjour à l'infirmerie, d'après l'avis du médecin.

Art. 47. La direction de l'infirmerie, en ce qui regarde le service médical, hygiénique et disciplinaire, appartient au médecin.

Art. 48. Le service médical de l'infirmerie embrasse : *A.* La prescription médicale et la surveillance des médicaments ; la tenue des registres prescrits par l'article 11 de la loi ; *B.* La classification des malades ; *C.* Le lieu et la durée des séquestrations auxquelles on peut être obligé de les soumettre, le degré de liberté dont il convient

de les laisser jouir; *D.* Les personnes et les objets avec lesquels il faut éviter de les mettre en contact; *E.* Les moyens de répression et d'encouragement à employer à leur égard; *F.* Les différents genres d'amusement et de travaux auxquels il convient de les occuper; *G.* La direction et la surveillance générale des gens de service dans les emplois qui regardent exclusivement le service médical et hygiénique; *H.* La visite régulière de tous les aliénés, qui se fait le matin avant 9 heures et le soir après 5 heures. L'infirmier ou la surveillante attaché à chaque quartier accompagne le médecin dans ses visites; *I.* Un extrait du cahier des visites, signé par le médecin, est remis chaque jour à l'infirmier pour sa direction. Cet extrait reste déposé dans les mains du secrétaire-receveur. *J.* Immédiatement après ses visites, le médecin dresse aussi une liste des médicaments simples et composés, à délivrer par l'un ou l'autre des pharmaciens agréés. Chaque médicament doit porter une étiquette, indiquant le nom du malade, le numéro d'inscription et la mention de l'usage externe ou interne.

Art. 52. Il est attaché à la colonie un nombre d'infirmiers et de gardes qui sera fixé par la députation permanente. Les gardes se rendent tous les matins à 8 heures chez le médecin et chez le Secrétaire-receveur pour faire leur rapport et recevoir les ordres.

Art. 54. Les devoirs et attributions des infirmiers et des gardes de section sont les suivants: remplir l'office de commissionnaire, d'infirmier, et porter les ordres administratifs, hygiéniques et médicaux; parcourir la commune et surveiller particulièrement les aliénés qui leur sont désignés à cet effet; signaler au médecin les cas de maladies incidentes qui n'auraient pas été annoncés par les nourriciers; assister au transport des malades à l'infirmerie, veiller à la rentrée des aliénés aux heures fixées, prévenir et réprimer tout désordre causé par les aliénés ou dont ils seraient l'objet, empêcher, tout mauvais traitement à leur égard, les secourir en cas de besoin, et veiller, en général, à la stricte exécution des réglemens et des instructions qui peuvent leur être données; accompagner, le cas échéant, les aliénés qui se rendent à l'établissement et ceux qui le quittent, poursuivre et reprendre les évadés; veiller à l'exécution des prescriptions médicales. Les infirmiers-gardes se conforment, au surplus, aux ordres et aux instructions que peuvent leur donner le médecin et le secrétaire-receveur.

Art. 55. Il est interdit aux infirmiers et gardes de se livrer, pendant les heures de service, à des occupations étrangères à leurs fonctions, et de recevoir, sous quelque prétexte que ce soit, des rémunérations ou présents de la part des nourriciers, des hôtes, des aliénés ou d'autres personnes, à raison des fonctions dont ils sont chargés.

CHAPITRE IX.

DU PRIX DE LA JOURNÉE D'ENTRETIEN ET DES PENSIONS.

Art. 57. Le prix de la journée d'entretien est fixé chaque année. Il est basé sur un minimum uniforme calculé sur les frais nécessaires à l'entretien et au traitement des aliénés. Il peut comprendre plusieurs classes à raison des soins que réclament les diverses catégories de malades.

Art. 58. Dans le prix de la journée d'entretien sont compris tous les frais de nourriture, d'habillement, de logement, de surveillance et de traitement.

CHAPITRE X.

DE L'INSPECTION ET DE LA SURVEILLANCE DES ALIÉNÉS.

Art. 61. L'inspection et la surveillance des aliénés placés dans la commune de Lierneux, sont confiées à un comité permanent composé: du gouverneur de la province ou de son délégué, Président; du juge de paix du canton; d'un médecin désigné par la Députation permanente; du bourgmestre de la commune ou, en cas d'empêchement, de l'un des échevins désigné par le gouverneur; de deux membres choisis l'un par la Députation permanente, l'autre par le Ministre de Justice.

Art. 66. Les administrations des communes ou des hospices ayant au moins vingt-cinq aliénés à Lierneux, peuvent se faire représenter par un délégué aux réunions du comité. Le délégué n'a que voix consultative.

Art. 67. Le comité s'assemble au moins une fois tous les mois dans la commune de Lierneux et y fait une inspection générale de toutes les branches et de tous les détails du service des aliénés. Il se réunit, au surplus, chaque fois qu'il en est requis par la Députation permanente. Il adresse, à la suite de ses visites, un rapport succinct à la Députation sur la situation de l'établissement.

Art. 70. Dans le courant du mois de janvier de chaque année, le comité adresse à la Députation permanente un rapport général sur la situation et les divers services de la colonie, en indiquant les améliorations et les réformes qu'elle réclame.

Art. 73. Les membres du comité permanent font, alternativement et individuellement, l'inspection de la colonie ainsi que de l'infirmerie.

CHAPITRE XI.

DE L'ORDRE ET DE LA POLICE PAR RAPPORT AUX ALIÉNÉS

Art. 75. La sortie des aliénés est autorisée, en été, depuis 6 heures du matin jusqu'à 8 heures du soir, et, en hiver, depuis 8

heures du matin jusqu'à 4 heures du soir, sauf les exceptions expressément autorisées par le comité permanent, le médecin entendu.

Art. 76. La fréquentation des cabarets est interdite aux aliénés; il n'est fait exception que pour les aliénés tranquilles qui se comportent avec décence et qui s'y rendent pour prendre quelque rafraîchissement. En tout cas, il est strictement défendu de leur servir des liqueurs spiritueuses.

Art. 77. Il est interdit aux aliénés d'errer dans les rues et dans le voisinage des granges avec des pipes allumées, non couvertes.

Art. 78. Les hôtes, nourriciers, infirmiers et les gardes de section, sont spécialement chargés de veiller à la stricte exécution des dispositions qui précèdent.

Art. 79. L'administration communale aura, de son côté, à prendre des mesures pour assurer l'exécution des dispositions qui précèdent, spécialement en ce qui concerne la police des cabarets, la prévention et la répression des abus, outrages et mauvais traitements dont les individus pourraient se rendre coupables envers les aliénés et les rapports de la police locale avec le personnel préposé à la garde et à la surveillance des aliénés.

CHAPITRE XII.

DES PRIMES ET DES RÉCOMPENSES A ACCORDER AUX NOURRICIERS.

Art. 80. Des primes et des récompenses, imputées sur la caisse de l'établissement, sont accordées aux nourriciers qui se distinguent par leur humanité et les soins qu'ils donnent à leurs pensionnaires.

Ces primes et ces récompenses sont remises aux intéressés en séance publique du comité permanent.

CAPITULO III

As colonias realizadas pelo departamento do Sena para doentes chronicos e inoffensivos de alienação mental

A França, depois de superadas certas difficuldades de opinião apparecidas no começo, adoptou ha dezeseis annos a assistencia familiar para os alienados tranquilllos, e hoje pratica-a já n'uma extensão digna de nota.

Custeadas pelo departamento do Sena, as colonias francezas de Dun-sur-Auron e Ainay-le-Chateau abrigam e cuidam actualmente de um numero de doentes alienados, que se approxima de dois mil, e estas instituições, estabelecidas a principio como tentativa e experiencia, estão já radicadas e apontam um bello caminho a seguir, na opinião dos medicos especialistas e das commissões administrativas de beneficencia, animadas pelo registo das vantagens therapeuticas obtidas e pelos beneficios economicos, que teem conseguido realisar.

Em 1891 o dr. Marie foi nomeado para organizar a colonisação familiar em França, e no anno seguinte, na antiga cidade de Dun-le-roi (hoje Dun-sur-Auron), do departamento do Cher, começou a funcionar, sob a direcção technica d'aquelle illustre psychiatra, a primeira co-

lonia franceza, destinada á assistencia de velhos, até então sequestrados como alienados, e cujo estado de demencia incuravel, mas tranquilla, e o enfraquecimento senil das faculdades, não justificavam d'uma maneira absoluta a manutenção n'um asylo.

A localidade escolhida apresentava um certo numero de condições favoraveis para o fim destinado, e que naturalmente a faziam preferir. A 170 metros de altitude, servida por uma linha ferrea, n'uma situação salubre e hygienica, Dun era um antigo centro mineiro e viticola, arruinado e improgressivo. O phylloxera e o abandono dos jazigos de ferro, que chegaram a empregar mil e oitocentos homens, tinham trazido á região uma crise economica a que a colonia apparecia como solução desejada e salvadora. Faltava o trabalho, os salarios estavam depreciados; e assim o operario não tinha onde regularmente pudesse ganhar a sua pequena fêria, n'um logar de grandes propriedades abandonadas ou entregues á rotina.

A producção dos generos alimenticios mais communs é muito abundante, e por conseguinte economico o sustento. Com excepção dos dias de mercado, nas ruas da velha cidade, praça forte medieva, o movimento é insignificante. E ainda mais, como a população, que devia assistir aos loucos, era uma população cidadã, de habitos proprios e mais parecidos com os dos futuros albergados, Dun, por esta circumstancia, apparecia, então, como eminentemente apropriada para a primeira tentativa d'uma colonisação de alienados.

Apesar de tudo, nem por isso era sem grandes difficuldades a empreza. Economicamente, pela incerteza da sua duração, a colonia seria uma coisa que merecesse confiança? Os pensionistas, que a população se dispunha a

aceitar, não seriam pela sua qualidade especial de doentes mentaes, realmente perigosos?

Foi assim que a obra da colonisação familiar, que desaccumulava os asylos e era um regimen humanitario para um grande numero de doentes, de porta aberta, sem perigo para alguem, teve que ser realisada sobre bases rigosamente scientificas e dentro do mais prudente espirito pratico, escolhendo escurpulosamente os alienados a collocar n'esta primeira colonia.

N'um asylo clinico de Paris, serviço do dr. Bouche-reau, destinou-se um pavilhão para as observações antes da partida. Doentes, desde muito tempo apontados como tranquilllos e inoffensivos, foram alli reunidos e depois enviados para Dun. Ahi, um outro pavilhão estava preparado para o seu recebimento, servindo tambem de enfermaria no caso de complicações ultteriores.

Para facilitar a collocação nos domicilios, hospitalisaram-se primeiramente só mulheres, e, com o conhecimento que a população foi tomando das doentes, conseguiu-se que os pedidos affluissem em breve praso. Assim ganharam os francezes a causa da collocação familiar, e assim começaram as colonias a receber doentes de outra categoria, afóra os primeiros velhos dementes.

Os dementes precoces; os tranquilllos por debilidade mental congenita e semi-imbecilidade nativa; os dementes organicos, ainda que com paralysias motoras, quando não determinassem impotencia funccional; os doentes com psychoses chronicas, parciaes, generalisadas, depressivas, expansivas, intermittentes; os doentes de enfraquecimento intellectual por intoxicação, nevroses, etc., vieram então variar as fórmias de doenças cerebraes dos pensionistas collocados em Dun.

Este ensaio de extensão da colonia a outras fórmās morbidās foi coroado de exito, pois que os doentes continuaram sem accidente grave. D'este modo a assistencia familiar augmentou successivamente. E por isso se instalou em 1894, em Bussy, um primeiro annexo da colonia, se creou, em 1896, outro em Levet, e ainda outro em Ourouer-les-Bourdelins. Em Ainay-le-Chateau (Allier) estabeleceu-se em 1 de junho de 1900 uma nova colonia autonoma para homens; e sempre, de então para cá, todas ellas teem continuado progredindo, bem acceitas no espirito das populações.

Ch. Féré, que visitou Dun pouco tempo depois da fundação da colonia, dá indicações sufficientes para se poder avaliar do seu funcionamento e da sua organização. Assim relata que a impressão geral d'um visitante é satisfatoria, se bem que a installação dos doentes podesse fazer-se, certamente, em condições superiores de conforto e salubridade interiores como se fazia nos asylos, mas decerto não se pratica nas terras isoladas da provincia, nos meios ruraes.

Em todo o caso, no maior numero de compartimentos destinados aos doentes, a illuminação, ventilação e capacidade são sufficientes, senão para mais, para um pensionista. A vida corre regularmente e o cumprimento das disposições regulamentares é quasi exacto e sempre com facilidade exigido. As visitas inesperadas não importunam as familias, e é sem embaraços e sem dissimulação, que tudo o que ha para vêr na colonia, se póde vêr minuciosa e demoradamente.

A roupa da cama e os leitos são repetidas vezes melhores do que os dos asylos,—largos leitos de madeira com colchão de palha e de pennas, e cobertores conve-

nientes;—em quasi todos, tapetes de pêlo comprido, sempre aconselhados quando o chão não é madeira.

Em casa de muitas familias que recebem indigentes cada pensionista tem um armario ou uma gaveta especial para o seu fato e para a roupa branca. O enxoval, que lhes é fornecido pela administração, está inventariado e sujeito a vigilancia. O vestuario, differente no verão e no inverno, é feito na propria localidade e identico por completo aos dos naturaes do paiz; d'ahi o caso salutar de não existir, entre os colonos e os habitantes, um distinctivo impertinente e inutil.

E não estão exilados os doentes — distantes, sem communicações. A companhia de Orleans estabeleceu uma tarifa de redução de preços para as suas familias, o que lhes permite a volta gratuitamente; a commissão dá a todos completa liberdade de escrever.

D'esta fórma não tem havido tentativas de evasão, propriamente ditas, destinando-se uma gratificação para os individuos que encontrem perdidos os doentes e os reconduzam á colonia. Estes, em geral, não lastimam a sua situação, e teem em muitos casos conseguido adquirir, no convívio com os seus familiares, o equilibrio que lhes faltava.

Elles devem participar do regimen alimentar dos seus hospedeiros, do qual faz parte um litro de vinho por semana, carne fresca em quatro refeições, além dos ovos, leite e legumes frescos, que sendo baratos na região, formam o fundo da alimentação ordinaria. A contribuição diaria, egual para todos, é de um franco e dez centimos.

O doente vive em liberdade completa, sob a reserva d'uma vigilancia discreta e continua. Alguns vão em passeio jantar no campo em companhia dos seus *nourriciers*,

e, sempre que as famílias os visitam, recebem estas uma impressão, que lhes tira o cuidado, que poderiam naturalmente ter, de estarem os doentes n'um meio grosseiro ou selvagem. As famílias, que os albergam, compreendendo que a colónia é um dos factores vitaes para a localidade mais digno de attenção, cumulam os seus pensionistas de cuidados, reclamando a prioridade quanto á excellencia de tratamento.

Dun e Ainay, situadas n'uma região onde a raça é carinhosa e hospitaleira, contribuíram realmente para o exito da colonisação familiar dos alienados. E' que, mesmo além da questão economica, os doentes distribuidos pelas casas dos habitantes d'estes logares distantes e tristonhos, vieram desenvolver o gosto por novos habitos, d'um viver mais moderno e mais cheio de conforto. Parisienses, a maior parte d'elles, trouxeram idéas novas, expandem uma vida rica de imaginação, teem como indispensavel a leitura de jornaes, conversam, espalham noticias, alegram a mesa do camponez; antigas costureiras ou modistas desenvolvem o gosto do asseio e da elegancia, transformando progressivamente o meio, fazendo-o mais actual, mais animado.

Quando se chega a um d'estes centros de colonisação, fica-se surprehendido de vêr tanta gente, de aspecto socego e burguez, conversando em grupos, esperando as creanças á sahida da escola, prestando mil pequenos serviços, quando se sabe que toda esta gente, proveitosa e serena, são os antigos internados da vespera, que então, quando eram condemnados a viver em contacto permanente com os loucos, e a percorrer sem descanso a galeria do seu pavilhão de asylo, tinham abandonado toda a preocupação de limpeza e toda a dignidade de porte.

Ainda que o character d'estas colonias fosse para se

destinarem mais a colonias de repouso do que a colonias de trabalho, a maior parte dos doentes entregam-se a varias occupações e questionam o preço dos seus serviços, que lhes é pago integralmente. Os que são aptos para n'elles se occuparem, entregam-se a trabalhos do trato domestico juntamente com a gente da casa, cooperando com ella na factura e reparação dos objectos mais correntes.

Em Dun, as doentes que se empregam regularmente na costura dos artigos do vestuario, na officina existente na enfermaria central, são remuneradas á razão de quinze centimos por dia. Outras trabalham por conta de pessoas da localidade, e fazem camisas, que lhe são pagas por vinte centimos cada uma. Este dinheiro é-lhes entregue e d'elle dispõem livremente. Algumas são lavadeiras e brunadeiras, fazendo serviços em diversas casas, sendo de notar que a melhor engommadeira da localidade é uma alienada. O dinheiro assim adquirido e o que lhes é mandado pelas familias pôde ser posto em deposito com a faculdade de fazerem levantamentos voluntarios para seu gasto.

As doentes teem ao seu dispôr agulhas e linha, livros de leitura, lunetas, papel de cartas, tinta, etc. Ha ainda na colonia uma sala de reuniões utilizada para ministrar aos *nourriciers* uma instrucção geral de hygiene e de medicina usual, e que serve tambem em dias de festa para diversões, musica e jogos.

E' toda uma série de prescripções para que o doente encontre na colonia os beneficios d'um interior tranquillo: — o quarto habitado por elle, a sala para as refeições em familia, o posto medico, que vigia a execução do contracto feito para a sua maneira especial de tratamento. E por toda a parte o fim proposto sempre o mesmo: — assegurar aos debeis os cuidados, que lhe são necessarios, entregando-os

a uma familia, que substitua a sua, desaparecida ou incapaz.

Até certo ponto as salas de reunião oppunham-se aos fins principalmente visados pelo patronato hetero-familiar, e estas reuniões foram restrictas e espaçadas, convindo aos doentes, principalmente, crear entre elles e as pessoas da casa a communidade de espirito, que transformassem estas em enfermeiros apropriados utilmente ao seu hospede. Na colonia existe a necessidade de manter o seu principio organisador na maior pureza, de modo que o caracter essencial da vida de familia se não postergue ou se vá disseminando, antes se tenham de restringir os serviços centraes ás suas mais limitadas necessidades.

Dun é dividida em sectores, pertencendo a cada um diferentes agentes de vigilancia. Por esta fórma ha sempre agentes para o serviço externo e disponiveis, na séde central, para receberem a toda a hora as reclamações e pedidos de assistencia medica.

Foi muito rapido o desenvolvimento da colonia. A nota dos seus doentes mostra que, tendo começado com 30 alienados do asylo de Eure, contava em 1 de janeiro de 1900 um total que se elevava já a 650. Em 31 de dezembro de 1903 havia presentes em Dun 908 pensionistas, dos quaes sómente 6 eram do sexo masculino; e em idêntico dia de 1904, a colonia contava 886 mulheres alienadas entregues aos cuidados das familias da localidade.

A lista de existencia na colonia autonoma para homens em Ainay-le-Chateau, do mesmo modo interessante, é a seguinte, referida ao ultimo dia de cada anno: em 1900—71 alienados; em 1901—121; em 1902—281; em 1903—371; em 1904—399; e em 1905—395. Em novembro de 1907 contava 451 doentes.

Esta colonia tem-se desenvolvido, tambem, como se vê, d'uma maneira continua. Exclusivamente destinada a doentes do sexo masculino, só emprega quinze mulheres nos trabalhos de costura, manufactura e concertos na officina privativa, e que são reenviadas para Dun em caso de incidente.

Os *nourriciers*, na colonia de Dun, occupam os logares sociaes mais diversos e, pôde dizer-se que a população inteira, e todas as suas classes, são hoje os principaes defensores do principio humanitario da colonisação. As suas profissões, segundo a lista official das inscripções, comprehende: alfaiates, jornaleiros, costureiras, sapateiros, livreiros, guardas campestres, proprietarios, pedreiros, parteiras, jardineiros, carnicheiros, cadeiros, tamanqueiros, leiteiras, lenhadores, ferradores, serralheiros, cantoneiros, cabelleiros, taberneiros, corretores, tecelões, tendeiros, confeiteiros, hospedeiros, etc.

Todos estes individuos devem ser recommendados pela municipalidade, que attesta do seu comportamento, e sobre elles recahe uma vigilancia constante, attendendo-se na installação do doente á questão hygienica, exigindo a lei um *minimum* de vinte metros cubicos de ar por pessoa.

Os hospedeiros inhabeis são eliminados da inscripção, e os pedidos para esta sempre em numero superior ao dos doentes que se podem collocar. Assim, actualmente, em Ainay-le-Chateau ha 125 pedidos para receber doentes, pedidos que não podem ser satisfeitos.

Os pensionistas que sollicitam mudança de domicilio fazem-no, na maioria dos casos, provocados por pessoas que teem interesse em promovê-la; de ordinario, outros hospedeiros com desejo de lucro.

São principalmente as mulheres, nas povoações das

colonias, quem se dedica ao tratamento dos enfermos; e algumas primam pelo desvêlo com que se interessam em todos os pormenores da vida do seu como que parente adoptivo, tendo vulgar citarem-se casos extremamente animadores para o engrandecimento de semelhante fórmula de assistencia.

Não se pôde dizer com justiça que a moralidade haja soffrido com a colonisação d'estes irresponsaveis. Os dois sexos teem separadamente em cada localidade a sua colonia; e a regularidade da vida em commun é mantida, em geral em ambas ellas, porque entrou já nos habitos a vigilancia e instrucção respeitantes a muitos accidentes de maior frequencia.

Pela parte administrativa e de organização as colonias teem tambem assegurada a sua estabilidade.

A colonia familiar do Sena possui em Dun uma grande enfermaria central com quartos de isolamento e tratamento pelo leito, installação de banhos, pharmacia, escriptorios, armazens e alojamentos para o corpo medico e pessoal auxiliar.

E' n'esta enfermaria central que se installa o doente á sua chegada; depois, quando se julga conveniente, confia-se aos *nourriciers* com o qual o seu character e profissão pareça dever manter melhores relações, aliás regressa á enfermaria, esperando, conforme os preceitos ordinarios, outra vez a sua entrada no asylo do Cher.

Por esta dupla selecção está garantido o perigo d'um lapso e de se fixar em Dun doentes perigosos, tendo ainda necessidade de asylo fechado.

A enfermaria central foi construida em 1899. Dois corpos parallelos permitem a divisão em duas categorias: doentes no leito por affecções somaticas ou gatismo, e sala de *alitement* para agitadas retiradas de familia.

Sómente na Escossia não existem enfermarias nas colonias d'esta natureza. Na Hollanda, Allemanha, Russia e Italia são estas sempre annexas a um asylo, o que dispensa aquella dependencia. A propria colonia de Gheel não a teve desde logo, mas conta já quarenta annos de existencia a que possue actualmente. E de nenhum modo a sua creação foi pernicioso para a propria colonia. Succederia assim com um asylo propriamente dito que, então, coexistindo com a colonia poderia vir realmente a absorvel-a e sacrificar-a. Mas os medicos belgas não passaram do asylo-enfermaria, que, longe de destruir a colonisação, a facilitou e desenvolveu.

Uma nota geral sobre o serviço dos alienados dá a indicação seguinte no que respeita aos dias de enfermaria em Dun e Levet, em dezembro de 1902: em Dun, existencia 590, dos quaes 13 na enfermaria, e em Levet, existencia 88, dos quaes 6 na enfermaria; o que dá para estes a percentagem de 6 por cento do effectivo. Vê-se, pois, que é sem prejuizo para a colonisação, que existem e teem existido, desde o inicio, enfermarias funcionando nas colonias do Sena.

Servem ellas, ainda, para a observação completa e pormenorizada do doente. Estuda-se ahi o seu character, o seu estado mental, e assim poder-se-á com maior vantagem escolher a collocação, que lhe convém conforme os seus gostos e as suas sympathias conhecidas, empregando-se até o recurso da mudança de hospedeiro. Muitas vezes, conta o dr. Bonnet, tem-se notado por uma mudança inesperada, da familia onde estava o doente, poder conservar-se na colonia um ou outro alienado, cuja transferencia já tinha sido requerida, e provocar-se por esta feliz mutação uma melhoria notavel do estado mental do psycho-

patha. O conhecimento do character do alienado e da sua individualidade só a prática assidua consegue fornecer, e algumas mudanças de *nourriciers* se impõem, até que se tenha achado o mais adaptavel. Estas mudanças fazem-se sem nenhum inconveniente, o que demonstra a flexibilidade e a latitude do regimen familiar.

Dos numeros indicados da existencia em Dun nota-se uma diminuição da população tratada em 1904, pois que tendo começado o anno com 908 doentes terminou com o numero inferior de 886. Deve attribuir-se este decrescimento á difficuldade occasional de encontrar doentes em condições de viver na colonia. Além do que a creação do asylo de Moisselles, no departamento do Sena e Oise, para alienadas tranquillas, veio tirar a Dun parte da população que podia ahi ser tratada.

Ainay ficou estacionaria em 1905.

Tambem uma grande causa de embaraço á creação d'estas colonias é a corrente geral de empobrecimento, que faz convergir os camponêzes para a cidade. Paris deixou já, na grande maioria, impressa a necessidade d'uma vida mais confortavel, mais intellectual. A' custa d'esta tendencia cresce o preconceito de antipathia ao logar da partida. A todo o bom parisiense apparece como um pesadello a idéa de regresso á terra. A familia, quasi toda a gente, lastimam os doentes, não comprehendendo o beneficio a alcançar com a estada na colonia. Os proprios doentes recusam-se, o medico é assediado por pedidos e empenhos, e só uma quarta parte dos doentes em condições de ficar sob o patronato heterofamiliar, o aproveitam e lhe colhem os beneficios.

Na colonia de Ainay, os naturaes das provincias, hoje allemães, Alsacia e Lorena, constituem um terço da sua população. São individuos sem relações, extranhos.

O estado podia intervir com uma violencia doce, soccorrendo o doente, victima d'um movimento errado e, a todos os respeito, de perniciosas consequencias. Contra o exodo rural devem combater os medicos e os estadistas. A pobreza nasce do abandono da terra, da troca de costumes tradicionaes; a cidade é a grande geradora de loucuras pelas decepções que arrasta; traz o desequilibrio pela incessante tensão do espirito, que lhe é preciso sacrificar.

Ao medico compete usar d'uma suggestão constante junto dos doentes, que podem utilizar-se da colonia, para lhes destruir os preconceitos, indicar-lhes as vantagens, persuadir-os do interesse d'esta especie de assistencia; e um factor de importancia a este respeito são os doentes transferidos:—tudo se deve aproveitar para convencer os hesitantes. Apesar de que, em França, estas colonisações apresentam uma grande difficuldade de organização por variadissimos motivos.

Em Ainay, por exemplo, a região é occupada por vastas propriedades,—por toda a parte se faz a creação de animaes. Os trabalhos agricolas empregam simplesmente um numero muito restricto de pensionistas; tres hectares não offerecem recursos sufficientes para dar logar a todos. A industria é quasi nulla. Os proprios operarios não acham a que dedicar-se; falta alli, por conseguinte, o trabalho, importantissimo elemento de distracção e de therapeutica.

As officinas a crear só poderiam ser destinadas a mistéres, que não fossem fazer concorrencia aos trabalhadores locais, que não exijam conhecimentos muito difficeis de adquirir ou um material muito complicado. Parece que esta questão pretende ser resolvida, havendo já feitos estudos preparatorios para a sua solução.

Se a colonia se pudesse transformar n'uma especie

de escola profissional para a readaptação social do alienado, á sahida, a sua utilidade cresceria sobremodo. Ha, porém, a considerar que a maioria dos parisienses não tem aptidão para trabalhos ao ar livre. Quem visita Lierneux, reconhece de prompto que a collocação familiar é muito mais difficil para os francezes do que para os pensionistas belgas, que, procedendo d'um meio rural, voltam para elle ou adaptam-se com mais facilidade a uma população essencialmente agricola.

Para a cultura do solo francez faltam em toda a parte braços, o que já não acontece na Belgica. Em França são muito peores os elementos para a aclimação d'um pensionista; é necessario um trabalho mais longo, mais complexo, é preciso a identificação a um meio, que é fundamentalmente diverso do seu anterior. Os doentes são muito mais exigentes, tendo vivido quasi todos a vida de Paris e habituados a ella.

Como na Belgica, a colonisação familiar principiou em França pelos alienados; colhidos os resultados mais satisfatorios e concludentes, estende-se actualmente aos velhos invalidos (Lurey e Saint Florent), e tenta-se applical-a agora ás creanças idiotas e aos epilepticos. O seu futuro e o seu desenvolvimento estão assegurados definitivamente.

CAPITULO IV

Assistencia aos convalescentes e ergotherapieia

No dominio propriamente da assistencia extra-manicomial uma categoria de individuos, que d'ella podem tirar um beneficio mais certo, são os convalescentes da alienação mental. E das vantagens e da maneira prática da assistencia n'estes casos especiaes será conveniente e justo tambem fallar.

Se para todos os doentes a readaptação social, durante e depois da convalescença, é uma luta penosa e cheia de sérios perigos, para estes mutilados do cerebro facilmente recidivos, necessitando, na evolução feliz do seu mal, dos cuidados que são dispensados sempre a todas as coisas delicadas, o instituir uma fórmula altruista e caridosa dos processos de assistencia para elles, será a obra mais sã e mais louvavel, que possam dictar as tendencias humanitarias d'uma era civilisada e francamente orientada na applicação do bem.

Depois do seu desastre mental e do internato, que se lhe seguiu, quando o estado dos psychopathas lhes permite a sahida do estabelecimento que os reteve, os desgraçados abandonados aos seus recursos, debeis, tropeçam nas mil difficuldades que uma sociedade, que não está preparada

para os receber, pôde naturalmente offerecer-lhes e causar-lhes tanto mal.

Privados de trabalho, privados igualmente dos meios de o procurar, aquelles cuja affecção mental tinha tido por causa o abuso de bebidas alcoolicas, retomam os seus hábitos perigosos de outros tempos, vivem indecisos, deprimidos, cahem na miseria mais profunda.

E assim os medicos, grande numero de vezes, hesitam em dar a liberdade, vão conservando nos asylos antigos doentes, com possibilidade de sahir, attendendo á razão caridosa de que a ausencia total de recursos, n'elles, acarretar-lhes-á, em pouco tempo, a repetição do mal pela repetição das causas determinantes do primeiro ataque.

A série de accidentes lamentaveis de ordem moral, que esperam um convalescente é terminado o internato, conhecida, de confidencia, pela repetição frequente, de todos os medicos especialistas. São difficuldades por questões de bens, negocios desastrados e infelizes, questões de familia, abandonos do lar, filhos mortos e perdidos...

E' mais o estigma de loucura com todas as inquietações e repulsões, que traz adjuncto. Conhecido nos locaes, que frequentava antes da crise, alvo de curiosidade e de chufas pelos companheiros brutaes, que o ridicularisavam, quantas vezes repellido pelos seus, a quem apparece importuno e que lhes temem a bocca a mais, sem confiança no seu esforço problematico, — é um estado social digno de dó o seu, e que levou Legrain a dizer impressivamente «que ha alienados para quem, melhor do que curar, seria morrer;» mesmo, porque nas condições ordinarias d'estes doentes a recidiva é quasi fatal. As mulheres então acham-se irremissivelmenie sem defesa, presa da miseria, á sahida do asylo.

Para a solução d'um problema de tal magnitude teem, em toda a parte, os medicos alienistas apresentado alvitre e opiniões, e todos os paizes se esforçam por melhorar, e alguns até o conseguiram já, a sorte lastimosa dos pobres alienados convalescentes.

A questão, d'uma maneira geral e a sua solução, enuncia-se por esta fôrma — tratamento do alienado, tratamento do convalescente, prevenção da loucura; taes devem ser as *étapes* centrifugas do asylo. A convalescença não será sómente a phase terminal da doença, mas o periodo da reeducação do alienado e da sua readaptação ao meio social, será ainda a accomodação d'este meio ao ex-alienado com um fim de protecção duradoura.

E' nos paizes anglo-saxões, principalmente, que os convalescentes colhem mais beneficios do systema geral de assistencia. Ahí, a *open-door* tem uma applicação perfeita e methodica. Só os grandes agitados se mantem nos pavilhões; e, como a collocação familiar funciona parallelamente como um auxiliar, o alienado n'um meio social normal tem possibilidade de recobrar a energia, que perdeu no asylo, póde ganhar um salario e utilizar-se da vida laboriosa como um estimulante. E' o que se pratica na Escossia em grande escala. Na Inglaterra, os convalescentes, por intermedio da *After cure association*, teem uma primeira mudança de habitação no campo ou em casa propria; distribuem-lhe dinheiro e vestuario e procuram-lhes uma collocação.

Na Belgica ha a assistencia familiar com o desenvolvimento e o resultado, que ficou indicado. E tem, ainda mais, a fundação Guislain, proveniente d'um legado de cincoenta mil francos, cujo rendimento se destina aos alienados do asylo. Assim os convalescentes, que não teem

officio, são occupados em serviços especiaes. O asylo faz á sua custa o vestuario, que é dado aos alienados, procura-lhes collocação, praticando correntemente as sahidas de ensaio.

Na Allemanha, numerosas sociedades se occupam do alienado convalescente. Ha a *Sociedade de soccorro aos alienados sahidos dos asylos Pforzheim e Illenau*, a *Sociedade de soccorro de Eichberg*, de iniciativa particular, a *Sociedade de soccorro para os alienados da provincia de Düsseldorf*, cujo fim é dar cuidados moraes e materiaes aos doentes pobres e necessitados, tendo sahido curados ou melhorados do asylo do governo, para facilitar a sua volta á sociedade e preserval-os, tanto quanto possivel, das recahidas e doenças graves; desenvolver a assistência publica, luctar contra os preconceitos sobre a alienação mental e sobre os asylos de alienados, e tambem diffundir a instrucção sobre o problema da alienação. Ha ainda mais a *Sociedade de soccorro de Friedrichsberg* e a *Sociedade de soccorro brandeburgueza*, com fins analogos.

Na Italia applica-se a collocação familiar transitoria de convalescentes, na visinhança d'alguns asylos.

Na Suissa são muitas as sociedades de patronato aos convalescentes. Em certos estatutos, a obra do patronato preoccupa-se não só de assistir ao convalescente em via de cura, mas ainda de provocar o prompto tratamento dos alienados do asylo, porque a admissão precoce dos doentes nos estabelecimentos especiaes é o melhor meio de assegurar o seu restabelecimento.

A Russia pratica tambem a colonisação familiar transitoria dos convalescentes.

Na França, esta questão occupa a attenção de muitos, mas o que ha feito é ainda de proporções insufficientes.

As sociedades de patronato não existem em todos os departamentos; não ha dispensarios psychiatricos, onde o alienado possa encontrar os medicamentos necessarios e o tratamento psychico particular preciso para a sua existencia e para a sua defesa; vão ainda no periodo de indicação theorica as officinas especiaes para os antigos alienados e alcoolicos—doutrinalmente, estes ultimos, devendo tirar os melhores effeitos da frequencia dos *restaurants* de temperança.

Para os dez mil alienados, que sahem por anno dos asylos de todo o paiz, a grande maioria encontra uma vida mais rude do que antes da doença, n'uma sociedade que persiste em considerar o antigo alienado como um pária, inexoravelmente repellido e abandonado.

Pretendem patrocinar os primeiros tempos da vida d'estes doentes, sociedades já creadas em Paris, Lyão, em Meurthe-et-Moselle e em poucos mais asylos; e posto que alguma coisa consigam, é opinião geral que estes patronatos são mais um exemplo do que um remedio.

Realmente a questão precisa para ser resolvida de muita tenacidade e muita abnegação. A' iniciativa particular, protegida pelo estado por um simples reconhecimento legal, está indicada uma obra de primeira necessidade; quasi todas as particularidades d'uma semelhante fundação estão assentes e definidas.

Assim é que as sociedades citadas ajudam os alienados convalescentes ou curados por muitas fórmias,—socorros em dinheiro hebdomadarios ou mensaes, vestuario, ferramentas; restituição dos objectos postos nas casas de penhor; pagamento de aluguel de casas; collocação dos doentes nos asylos de convalescença, em estabelecimentos intermedios entre o internato e a vida livre, ou ainda, sendo

possivel, nos hospícios; collocação definitiva em officinas e casas de commercio, de agricultura, etc., com vigilancia do alienado curado, no logar em que se occupa.

Este programma completo é realizado parcialmente pelos diversos patronatos e é a todos os respeitos digno de applauso e de incitamento. O asylo refugio do *boulevard Kellermann* recebe os convalescentes, alberga-os e alimenta-os durante o tempo necessario para a sua collocação. Sahem durante o dia para procurar trabalho e habituarem-se d'esta fôrma ao contacto da sociedade.

Tentando tornar effectiva a collocação dos loucos curados teem-se alvitado varios expedientes: servir o patronato de agencia gratuita para a collocação, estabelecer officinas especialmente destinadas a elles, e onde encontrassem realmente trabalho e meios de subsistencia para a sua vida. O preconceito da incurabilidade da loucura prejudica aquelle excellento meio de resolver a questão, e, quanto ao segundo, só os poderes publicos poderiam realisar esta fôrma valiosa de assistencia, que se estenderia até aos chronicos não perigosos dos asylos.

Ainda um outro ponto a considerar e a examinar seria a vigilancia medica dos doentes, de maneira a colherem todos os fructos dos conselhos e tratamento fornecidos pelo profissional destinado a esse serviço. Essa vigilancia não é possivel fazer-se effectivamente nos logares em que os doentes se occupam, nem mesmo até na sua propria familia; razões de ordens multiplas embaraçar-lhe-iam a acção. Mas um estabelecimento especial que se creasse, aberto a certas horas, um dispensario psychiatrico, prestaria serviços inestimaveis e reaes.

Poder-se-iam curar n'estes os convalescentes e os epilepticos, alcoolicos, neurasthenicos e enfraquecidos men-

taes de todas as especies. A presença d'um contingente de doentes não alienados modificaria o mau juizo actual a despeito dos asylos, e os doentes, antigos internados, não tinham a recluir, d'esta fôrma, que fosse conhecida a sua consulta ao dispensario. Aberto a horas proprias para poder aproveitar aos operarios, nos sabbados á noite ou nos domingos de manhã, no dia, enfim, do descanso semanal, todas as facilidades se deviam crear para a admissão dos consultantes, podendo mesmo annexar-se-lhe um serviço hydrotherapico ou ligar-se com este serviço nos asylos.

Emfim o dispensario viria juntar-se ás obras de temperança para evitar, dentro do possivel, a recahida dos alcoolicos. Os conselhos do medico poderiam neutralisar os impulsos e os exemplos de fóra. Resultaria, talvez, um tratamento psychotherapico das visitas frequentes dos alcoolicos, sempre prestes a converterem-se, ainda que seja por pouco tempo, quando hajam soffrido excessos recentes, porque o seu estomago se tornou doloroso, porque apresentavam accidentes hepaticos, renaes, etc.

N'esta corrente de idéas indica-se para estes doentes melhorados da alienação, a fundação d'um pavilhão aberto de convalescença, mesmo dentro do asylo, com uma vida normal, trabalho — tratamento, distracções, repouso, longe da promiscuidade dos pavilhões ordinarios.

Começar-se-ia por fazer sentir ao doente a vida intima, vida de familia: — salas de leitura, armarios cuja chave fosse entregue ao doente; nada, absolutamente, fazendo recordar os meios de força; — as visitas frequentes e o conhecimento da vida exterior, dos negocios da sua vida particular, instigando por elles um interesse crescente; — depois, quando fôr permittido pelo estado mental do psychopatha

este entregue a um meio social preparado, util, prophylatico d'uma nova recahida.

A collocação familiar transitoria é indicada principalmente para as mulheres pobres, para os doentes attingidos de psychoses depressivas, em via de melhoras, para os delirantes transitorios, depois de accessos episodicos, e na de confusão mental. Nas familias habituadas a esta fôrma de assistencia, os convalescentes ficam sob a acção d'uma vigilancia apertada e directa; a cura segue com maior intensidade, torna-se mais segura, e ainda ha occasião de se avaliar por ella da confirmação das suas melhores ou da terminação definitiva da doença. Dando-lhe trabalho, o doente poderia ser pago pelo salario local; os ganhos accumulados formariam um peculio para os primeiros dias depois da sahida. Na primavera, collocada para ensaio e com garantias na localidade,—a convalescente achar-se-ia d'este modo reentrada pouco a pouco na lucta ordinaria por transicções progressivas na melhor occasião do anno, n'um meio tranquillo e sereno, bem diverso d'aquelle em que lhe tinham apparecido as primeiras perturbações mentaes.

Assistencia liberal, evolutiva; patronatos;—muita coisa ha a fazer no sentido de auxiliar os convalescentes da alienação mental tão dignos realmente de philanthropico auxilio.

*

* *

A realisação methodica e regular das fôrmas apontadas de assistencia aos alienados, alguma coisa de definitivamente doutrinario e scientifico veio a estabelecer com utilidade para a pratica psychiatrica. Foi o instituir-se como

processo therapeutico um novo elemento—o trabalho; organisando-se d'esta fôrma como methodo, a ergotherapiea.

Hoje indica-se para a grande maioria dos internados loucos essa maneira de tratamento, fazendo notar nos doentes a sua influencia favoravel sobre a diminuição da desordem mental, a attenuação muito possivel das varias manifestações delirantes, quando não a cura do seu desequilibrio.

E porque a utilidade do trabalho não se limita a ter uma influencia curativa, o que viria realmente restringir-lhe a importancia, attento o numero de doentes que nos asylos não são susceptiveis de cura, é que esta influencia é aproveitavel; assim elle se faz sentir, sobretudo, nos alienados chronicos, tornando-se para elles n'um manancial de socego e tranquillidade, de que vem excellentemente a beneficiar como meio hygienico o mais proprio para lhe conservar a saude e como meio moralisador, porque lhe traz o bem estar e o repouso, e affasta do seu espirito doente a tristeza e a melancholia. Humanitariamente, para os chronicos no asylo, que vem a ser o refugio d'esse enorme numero de incuraveis, que ahi são recebidos e ahi permanecerão, quasi se póde dizer, por tempo indefinido, organizar o trabalho será crear-lhe uma nova existencia tão agradável e tão calma quanto o póde permittir o seu estado desgraçado. A observação clinica é já hoje sufficiente para se poder adoptar a these do trabalho—tratamento, como imprescindivel na assistencia moderna da quasi generalidade das psychopathias.

A questão é devéras interessante para que com propriedade se possa fallar d'ella e da maneira como é desenvolvida e tratada respectivamente pelos differentes auctores.

No primeiro congresso belga de neurologia e psy-

chiatria, o dr. Cuylitz, relator da questão do trabalho na therapeutica das doenças mentaes, na ocasião precisa em que sobre o assumpto iam convergir as atenções de todos, fez ouvir a sua opinião contraria e rejeitou a possibilidade scientica da ergotherapie. Era o desafio em fôrma para a discussão que se seguiu. A questão foi posta definitivamente por elle n'estas palavras:—«para mim o melhor exercicio é o repouso»—e a sua conclusão era o resumo da sua idéa:—de todos os meios de diversão, o trabalho é, talvez, o mais perigoso, porque solicita actividades de órgãos excitados ou enfraquecidos, aos quaes convém unicamente o repouso.

A proposito d'uma nova fôrma de therapeutica apparecia, pouco propositadamente talvez, a apologia sectarista d'um outro tratamento já provado, tido como util em certos casos, mas igualmente admittido com uma grande restricção de indicações. O dr. Cuylitz transformava o *tratamento methodico pelo leito* n'uma panacêa unica para todas as doenças mentaes, em todos os periodos da sua evolução.

Ora o *alitement*, eminentemente favoravel nos casos extremos de mania e de melancholia, tendo uma acção reconhecidamente util sobre o estado de nutrição e permitindo com vantagem, quando é urgente sobretudo, o regresso ao estado normal das mutações nutritivas do neurone,—de nenhum modo se pôde transformar em recurso exclusivo de tratamento, como em cirurgia geral se não pôde eternisar sem perigo uma immobilisação. O simile é apresentavel e em ambos os casos ha uma ankilose a temer.

O criterio d'uma orientação geral provaria com facilidade que o relator se puzera ao lado d'uma opinião injusta e veridica, sómente, em proporções mais modestas. A questão posta assim com um criterio condemnavelmente abso-

luto, deu logar a que a seu respeito fossem apresentados um numero de argumentos, que actualisam certas opiniões de pathologia e psycho-physiologia sobremaneira dignas de registo.

Apresentada pelo dr. Marie ha uma contestação brilhante á opinião do medico belga, que vem pôr a questão nos seus termos justos e apreciaveis. A primeira nota que se pôde objectar á exposição do dr. Cuylitz é a de que não ha realmente, entre o estado de saude e o estado pathologico, um antagonismo nem differença de leis. Um estado differe de outro, muito simplesmente, na intensidade das duas manifestações phenomenaes. Entre o doente alienado e o individuo normal ha possibilidade de entremear todos os typos imaginaveis, differindo entre si insensivelmente e estabelecendo, entre fórmias extremas, uma transição imperceptivel. Desapparece como menos justa a opposição, que o auctor do relatorio parece ter estabelecido entre o psychopatha e o individuo curado ou convalescente, entre as perturbações somaticas e as perturbações psychicas, entre as espheras passivas e activas da mentalidade.

A seguir, porém, convém dirigir a discussão n'um sentido fértil de ensinamentos e suggestões. Todos os actos psychicos, de volição, de associação, de registo, de accumulação, como todos os actos motores e de percepção sensitiva ou sensorial correspondem a uma identica despeza de energia. Setchemoff diz que — « pensar é suspender a producção da acção » — e todas as nossas manifestações psychicas unicamente se tornam possiveis, ou se podem completar, quando combinam imagens motoras a outras imagens.

Se se quer demonstrar que accionando na esphera motora se pôde produzir repercussão na esphera psychica,

então a opinião do dr. Cuyllitz traz a pêlo a citação de Féré — «que figurar um facto é represental-o mentalmente de qualquer maneira, imital-o interiormente, delinear em si mesmo os movimentos» — e ainda mais a de Colard — «que ha já uma especie de motilidade nos movimentos d'estes membros interiores pelos quaes nós revolvemos os materiaes dos nossos pensamentos e que são verdadeiramente os órgãos da intelligencia.»

As reacções psycho-motoras estão ligadas por uma fórma indissolúvel ás imagens mentaes. O psychismo reduz-se ao mecanismo geral do acto reflexo, observando que a vida d'elle, iniciada periphericamente nas suas impressões pelos meios circumdantes excitadores, vem a completar-se e a exteriorisar-se na sua eterna marcha, utilizando-se e apropriando-se dos órgãos do movimento. E' um facto, geralmente sentido, que na vida normal certas exuberancias, explosão da motricidade, trazem o allivio e são refrigerio de muitas tensões psychicas, emotivas ou de outra ordem. Como questão geral não se pôde pois negar que nas emoções e nos phenomenos psychicos desviados da vida hygida, não haja da mesma maneira a necessidade, que tantas vezes se evidencia, de applicar e coordenar as explosões motoras manifestadas para um fim que tenha um interesse principal para o espirito.

Comprehende-se claramente que o trabalho organizado por uma competencia profissional, que o faça instituir, é agradável para o espirito, e só a esse se pôde recorrer como therapeutica benefica e vantajosa. Além do que a comprehensão mais ampla que se pôde ter de trabalho, será a da reacção do organismo em face dos meios e do modo, superior a todos, porque elle se adapta á vida exterior.

Quando um organismo adoece, não se suspende n'elle

todo o trabalho vital, e é mesmo a continuação d'este trabalho que virá auxiliar a lucta comprehendida para readquirir a situação estavel que perdera. D'este modo, como a persistencia das funcções organicas diversas é innegavelmente compativel com a lucta pela vida, torna-se impossivel proscrever as reacções centrifugas terminando no proseguimento do trabalho muscular coordenado em relação ao meio ambiente.

Só depois do periodo de estado d'uma affecção mental o trabalho-tratamento se poderá proveitosamente applicar, porque, como em medicina geral, a therapeutica reparadora tem em psychiatria indicações e emprego incontraverso, — o que vem assim auxiliar uma prophylaxia, por si só, insufficiente e que se deixou de fazer em tempo proprio. E' pois toda esta tarefa de ir ordenar funcções desorganizadas, antigos rythmos extinctos, de educar centros novos complementares dos centros anniquilados, é todo este labor de adaptação que á ergotherapie vem a caber, como methodo proficuo.

Decerto médicamente é impossivel preconisar de qualquer fórma o trabalho n'um estupuroso, n'um maniaco agudo ou n'um ancioso. Mas ha um grande numero de casos em que elle merece que se applique e que d'elle se colham os beneficios reaes, que póde proporcionar.

A bem dizer, não ha doente alienado que por qualquer maneira não possa vir novamente a interessar-se pela vida normal e a retomar o trabalho, seja qual fôr, não havendo melhor incitamento do que o interesse provocado n'um d'estes doentes pela actividade de alguém, e que elle presenceie. E' um resurgimento completo, que só convém regular para que progrida e persista.

O dr. Marie resume na seguinte lista, por ordem de

importancia decrescente, as principaes categorias de doentes alienados susceptiveis de tirar maior vantagem do trabalho-tratamento, quer desde o inicio da psychose, quer nos periodos de remissão ou de convalescença:

| | |
|--|------|
| Adultos retardados, debeis congenitos e degenerados inferiores | 60 % |
| Nevroses e epilepsias fóra das crises | 60 % |
| Intoxicações (depois da cessação) | 50 % |
| Melancholias e manias perto do termo | 40 % |
| Delirio chronico depois da phase de inquietação | 30 % |
| Demencias precoces depois do periodo catatonico | 30 % |
| Demencias paralyticas nos dois primeiros periodos e em meia remissão | 20 % |
| Demencias senis melhoradas. | 10 % |

O estudo detalhado d'estas fórmias morbidas, em que a ergotherapie é proficua, e as observações colhidas na applicação d'um processo tão interessante e generalizado, merecem decerto um relato extenso.

E' um facto de facil observação que, mesmo originalmente e por inteiro extranhos á iniciativa medica, os doentes, nos asylos, vão manifestando, em trabalhos de variadissimos aspectos, a necessidade para o seu cerebro doente, como na vida commum para o cerebro normal da maioria, de imprimirem e deixarem indelevel, em toda a parte, nos objectos ao seu alcance, o documento demonstrativo da actividade de expressão e actividade muscular natural e necessaria, e que só exige e pede direcção no sentido de se tornar benefica.

Nos asylos abundam provas de aptidão manual e mesmo artistica, de internados, que, muitas vezes, quando vivendo a vida sã, nunca as tinham evidenciado, porque as condições d'essa vida não eram de molde a poder dar-lhes curso.

São pequenos objectos confeccionados em massa de pão, papel, cêra, rolhas, barro, madeira; gravuras em tijolos e nos revestimentos dos muros; modelagens e adornos; pinturas em vidros; palhas entrançadas; pedras lavradas, etc. São ainda mais, no mesmo sentido de trabalho psychomotor necessario e de reacção, os pensamentos de grande numero de doentes expressos e formulados por escripto.

Os que podem recorrer a este processo de actividade duplice, teem-no sobremaneira como preferido. Ha aqui inconscientemente a procura d'um meio, que pela irradiação motora centrifuga vae alliviar o estado morbido d'uma parte consideravel das suas irradiações emocionaes.

E' o que acontece aos graphomanos, nos quaes a mania augmenta de intensidade com a phase ascendente da sua excitação. E, muitas vezes, as reacções graphomaniacas retardam, ou evitam mesmo, quaesquer outras reacções mais perigosas.

Para o medico, este trabalho de crise é uma advertencia benefica, e principalmente um meio muito proficuo de tratamento, porque contrabalança a corrente centripeta das excitações morbidas allucinatorias, torna o doente muito menos irritavel e permite que muitas das propensões para a reacção perniciosa sejam conhecidas com a antecedencia, que é indispensavel para impedil-as.

Estas propensões são mencionadas pelo doente nos seus escriptos, e o estado de espirito, que as dita, torna-se conhecido, merecendo d'este modo a attenção de quem tem por missão conhecer com justeza o processo psychopathico de todos os seus *sujets*. E', porém, pequeno o numero de individuos que tenham de ser submettidos a esta precaução.

A influencia salutar, que os escriptos, os mais variados,—de queixa ou de ameaça, de agradecimento ou os dithyrambos celebrando uma apotheose megalomaniaca—segundo a fórma de desvio em cada doente, não vem a ser mais do que um phenomeno bem geral e commum a toda a humanidade.

Desde os primeiros tempos que a oração fallada ou escripta foi usada como destinando-se a provocar uma calma emocional, um phenomeno de suspensão para os soffrimentos e choques moraes, que possam vir ulteriormente, ao mesmo tempo que seja a terminação apaziguadora de todas as dores do passado e do presente.

Nos delirantes, como nos crentes, são proveitosas estas calmas motoras, e necessario é deixar-lhes inteira liberdade para que escrevam e desenhem, modelem e pintem, e se inspirem na sua phantasia. Os amuletos actuam com effi-cacia, tambem, nos doentes d'esta ordem.

A actividade geral poderá ainda ser chamada a desempenhar na therapeutica psychiatrica um papel mais elevado, assim como competirá á ergotherapie, depois de ter accionado somaticamente, vir a ter uma acção moral, que principalmente se faz notar em trabalhos intellectuaes. A. Marie diz que tem visto, com uma vigilancia individual expressa, tirar proveito a doentes pouco instruidos, da frequencia de cursos elementares para aprender a lêr e escrever, ou seguir a escola de enfermeiros. Alguns, restabelecidos, escolheram na vida regular, cá de fóra, este mesmo officio, habilitando-se com o curso frequentado durante a permanencia no asylo. Elle proprio conhece um doente delirante persecutorio, nervoso irritavel, que, durante o internato, se preparou e obteve approvação no bacharelado de sciencias.

O trabalho colectivo manual offerece vantagens taes,

que definitivamente se impõe a sua regulamentação e execução. A influencia da imitação e do exemplo vem poderosamente ajudar o trabalho dos doentes retomarem as suas coordenações motivadas; basta deixar com vigilancia, como simples espectadores dos outros doentes, aquelles em quem se presente o reaccordar proximo. Se se lhes collocar ao alcance os utensilios necessarios, em breve começarão a esboçar tentativas de imitar os seus companheiros. E' assim que o trabalho em grupo ao ar livre, se applica já em toda a parte e conta adeptos entre os alienistas mais distinctos.

Para doentes de proveniencia urbana ha certamente difficuldades na adaptação a trabalhos agricolas; exige-se uma maior attenção da parte dos directores de serviço, uma vigilancia mais complicada: as fugas são mais faceis de realizar.

Em todo o caso, os trabalhos relativos ao cuidado com as hervas de pastagem, remoção de areias nas regueiras, córte de relva, colheita de legumes e fructos, mondagem de plantas, secca de feno, varredura de folhas, etc., são com facilidade e rapidez aprendidos pelos doentes, constataando-se, até, serem das cidades os melhores trabalhadores agricolas.

A criação da capoeira pôde ser distribuida aos doentes com utilidade e sem perigo; tratam dos ninhos com solicitude; e d'esta maneira se lhe despertam os sentimentos de affectividade. Havendo uma educação rural, é facil aos doentes realizar, então, trabalhos muito mais complexos na criação de animaes de consumo.

São egualmente aconselhados os passeios em grupo nos jardins do asylo, os passeios fôra do asylo com vigilancia, os movimentos rythmicos de gymnastica collectiva, certos jogos, etc.

Desenvolvida principalmente em Inglaterra esta educação physica valiosa, como estimulante geral e derivativo psychico, applica-se; em especial, em casos de neurasthenia, obsessões, hypocondria e confusão mental. Na Escosia os alienados jogam o *tennis* e o *foot-ball*, e no inverno, conjunctamente, outros jogos sobre a neve.

Ha uma gymnastica espontanea stereotypada, representando em certos doentes uma auto-therapeutica de calma motora relacionada com uma certa obsessão allucinatoria ou allucinação obsecante. Da mesma fôrma na mania attenuada, movimentos coordenados permittirão alliviar e dar emprego á excitação cerebral, por uma especie de eliminação motora do dynamismo psychico. Tambem nos estados depressivos é possivel apreciar a utilidade do trabalho para conseguir o termo do entorpecimento physico e psychico do doente.

O pensamento está intimamente ligado ás imagens motoras, e assim o movimento muscular suscitará o accor-dar das associações psychicas, além de que os rythmos organicos insufficientes, accelerando-se, terminam em parte esse estado de *hypothermia*, de *hypotensão*, descripto e detalhadamente estudado na melancholia.

E' facto, que o doente póde voltar ao seu delirio e apresental-o exarcebado, mas tambem póde mostrar melhoras sensiveis na sua fôrma de doença; e, como de nenhuma maneira, fica um organismo abandonado a um repouso absoluto, tem n'estes casos o trabalho a indicação de se poder utilizar como meio de diagnostico.

A influencia notavel da conjuncção de doentes e a tendencia para o agrupamento, que parece estar seguramente indicada, vem confirmar dois factos de observação historica interessantes.

A vida militar e a vida monastica, pelos seus exercicios, até certo ponto automaticos, convém, e parece que sempre utilisou, a um certo numero de desequilibrados, que n'ella tiveram ou pôdem ter aproveitamento. Com uma attenção especial dos medicos e dos chefes, os debeis não delirantes, antigos alumnos de escolas de correcção, do serviço de anormaes e atrasados, teem probabilidades de adquirir, aos vinte annos, a qualificação social que de outra sorte difficilmente obteriam.

Nos conventos tambem quantos desequilibrados insociaveis se não acolhiam e não auferiam por esse meio o repouso que a vida corrente nunca lhes permittiria, visto a sua constituição ser impossivel de se lhe adaptar!

Este systema de assistencia collectiva tinha, como qualquer outro, vantagens apreciaveis, — fazer os doentes o internato voluntario e votarem-se a um celibato benemerito.

No cemiterio da abbadia da Cartuxa existem ainda os tumulos de frades, que pertenceram á ordem, e que, notoriamente, são de alienados entregues á vigilancia do convento.

A percentagem de proveito da ergotherapie nos differentes typos de doentes alienados, segundo A. Marie, confirma a applicação d'este methodo ás loucuras simples: mania, melancholia, delirios allucinatorios ou generalizados, loucuras nevroticas e degenerativas ou moraes. Assim é, que os atrasados de desenvolvimento beneficiam d'um processo, que evita a ociosidade e tem uma salutar acção moral. Os intoxicados eliminam melhor e mais rapidamente, pelas combustões musculares ao grande ar, toxinas e toxicos, que os seus tegumentos e pulmões exhalam com facilidade. Isto demonstra-se experimentalmente pelo facto dos doentes trabalhadores supportarem uma dóse de alcool impossivel para os inactivos.

A epilepsia com as suas crises mais frequentes no inverno, a época de menor actividade para os doentes, entra no quadro das doenças em que a vida ao ar livre marca a sua influencia benefica.

Nas demencias parciaes ou localisadas, com lesões supprimeis e compensaveis por um desenvolvimento dos centros cerebraes subsistentes, e na demencia precoce, a stereotypia motora póde fixar-se n'um trabalho simples e constante, mas util. Consegue-se d'este modo aproveitar o automatismo espontaneo n'estes doentes, o que tambem se consegue nos obsecados chronicos. Os proprios paralyticos geraes chegam a obter longas remissões, devendo o trabalho sem fadiga entrar na hygiene d'estes doentes.

A *asylum dementia*, descripta pelos inglezes e occasionada pelos obstaculos multiplos ás reacções sociaes, prova que a persistencia no asylo prejudica os doentes. As adaptações variadas da vida de familia, os pequenos cuidados intimos, podem fazer accordar n'um velho asylado, inerte e aparentemente insensivel ás associações de data mais recuada, as adaptações mais affastadas; e um inutil, no meio anormal do asylo fechado, apparecer ao contacto com os hospedeiros, um ser differente e até certo ponto aproveitavel.

Nos asylos devem existir *ateliers* dos diversos officios para aproveitarem aos doentes, conforme a sua profissão. Mas a occupação que, para a grande maioria, está indicada pela sua simplicidade e pela sua importancia, é a cultura agricola do asylo-quinta. Para o medico, que póde vigiar directamente o trabalho, esta fórmula é de incalculaveis vantagens, um poderoso coadjuvante therapeutico e um meio excellente de diagnostico.

Se o trabalho se tornou regra, os resultados moraes

e os resultados materiaes tem jus a particular referencia. Constata-se que, muitas vezes, os melhores trabalhadores e os mais activos são precisamente aquelles, até essa data, julgados inapplicaveis e impossiveis de trato. A's injurias, ás ameaças, á excitação constante, succede-lhes o descanso e o socego. Foram levados pelo exemplo e melhoraram consideravelmente.

Acontece assim com os delirantes chronicos, doceis e regulares sobre todos, com os epilepticos de cuja affecção se teve uma noção clara e certa, na sua marcha e nas suas fôrmas, e com os fracos de espirito, os idiotas e os imbecis.

Nem todos trabalham com gosto,—alguns recusam-se com obstinação; e de outros nunca se consegue a fixação ao trabalho. Ha ainda uns certos que se obstinam na idéa de fuga. Para isso dissimulam, trabalham, mas estudam constantemente a maneira de conseguir illudir a vigilancia, e ás vezes conseguem realisar o intento.

Dô que fica exposto, vê-se que o trabalho organizado medicamente tem direito a installar-se em todas as casas de assistencia para alienados, como processo de utilização therapeutica d'uma actividade até agora usada d'um modo esteril, quando não perigoso. O trabalho-tratamento entrou no dominio dos recursos profissionaes, mas é necessario ter presente que a elle se oppõe o trabalho-rendimento.

Para o alienado, como para o homem em geral, o trabalho é uma necessidade imprescindivel, devendo, porém, não esquecer o principio fundamental de que — o trabalho nos asylos tem por fim principal o bem-estar dos doentes, e é só subsidiariamente que será organizado e concebido como um meio de producção aproveitavel.

De nenhuma maneira se póde consentir, tambem, que

os doentes em condições de utilizar da assistencia familiar sejam retidos nos asylos pelo interesse da sua habilitade, destruindo assim o preconceito de os destinar exclusivamente ao trabalho. Para se regularisar esta melindrosa questão, competirá a um medico a missão de escolher e indicar os doentes proprios para a ergotherapeutica.

O desenvolvimento dado na pratica ao principio da colonisação agricola do trabalho para os alienados, é já muito extenso no estrangeiro.

Em Manchester e em Londres, o trabalho agricola independente occupa muitas centenas de doentes, sobretudo epilepticos.

Na Italia, o principal estabelecimento d'este genero é o manicomio de S.^t Lazarre, nas proximidades de Reggio, que é antes uma aldeia de 700 doentes trabalhadores, dos quaes 200 são mulheres. Na colonia-asylo de Mombello e na de Imola destinam os doentes a muitos e variados serviços.

Na Russia, onde, segundo as proprias notas officiaes, ha 400:000 alienados, tres quartos dos quaes são perigosos para a segurança publica, só 18:000 estão hospitalisados.

O trabalho-tratamento está organizado nos seis estabelecimentos coloniaes de Kolmovo, Saratow, Bourachef, Moscou (Pokrowsk) e Nijni-Novgorod, onde se tem verificado que esta fôrma therapeutica é applicavel a cinco sextos de alienados para acalmar os accessos dos furiosos, tranquillisar os alcoolicos e conseguir em grande numero d'elles a sua cura.

Na America, em Massachusetts e na Indiana, os psychopathas são repartidos por dominios culturaes, — aldeias com 200 doentes, agrupadas em torno d'um pequeno asylo. Craig-Colony, perto de New-York, centro mais importante de assistencia, alberga e cuida de 1200 enfermos.

Na Allemanha, este systema de tratamento tem um desenvolvimento consideravel. O castello de Altscherbits (Saxonia) foi transformado numa colonia agricola para 500 alienados. Todos os casos recentes ou incuraveis podem beneficiar do trabalho e do ar dos campos, e noventa por cento dos doentes praticam o trabalho agricola, até mesmo o que é feito por meio de machinas. O pavilhão do asylo obedece ao principio de lhe tirar todo o aspecto de prisão, preferindo o tratamento individual cuidadoso e uma séria vigilancia á magnificencia de construcção.

Na colonia applica-se por completo o systema da *open-door*, tendo a distribuição methodica e justa das fórmas morbidas tornado inutil quaesquer meios de defesa e prisão.

Em Bilsfeld, na Westphalia, a colonia importantissima de Bethel destinada a epilepticos, dá abrigo actualmente a mais de 1000 d'estes doentes. Compõe-se de 55 casas disseminadas, onde os doentes, homens e mulheres, conforme a sua profissão, sob a vigilancia d'um enfermeiro, vivem com a familia d'este. A colonia é aberta, e cuida de adultos atrasados, epilepticos, surdos-mudos e cegos, vagabundos e sem trabalho, creanças idiotas, velhos e alienados diversos.

Ha ainda na Allemanha colonias em Gabersée, Emmendingen (Baden), Fehardras e Ilten, e em todas, este methodo de assistencia apparece proveitoso e benefico.

Em França, a idéa da colonisação seguiu uma evolução demorada desde a Restauração até Luiz Bonaparte, que nas «Ideas napoleonicas», em 1842, preconizou as colonias agricolas como o unico remedio para o pauperismo.

Após o congresso de Bordeus, em 1904, foram escolhidos no departamento do Cher, em Chézel-Benoit, 200 hectares de terreno, e acceito o projecto de A. Marie d'uma

aldeia artificial para 1000 doentes. N'este projecto utilisaram-se as disposições principaes da colonia londrina de Epsom, sendo as divisões interiores dos pavilhões ligeiramente modificadas das que Korsakoff adoptou em Pokrowsk.

Quando se pensa n'estas questões de colonisação, uma série de problemas apparece, necessitando estudo e attenção demoradas. Assim torna-se indispensavel uma selecção anticipada dos doentes; e o ideal seria que os alienados fossem dispostos em grupos, primeiro por diagnostico e seguidamente por grau de instrucção e nivel sociaes. D'este modo crear-se-lhes-ia um meio conveniente para a organização d'um trabalho agradável e proveitoso.

Os medicos alienistas nos congressos acceitaram conclusões no sentido de dar desenvolvimento á colonisação agricola aos alienados. A cultura dos campos parece egualmente a indicada pelas suas condições de salubridade, exigir pouca attenção, nenhum esforço intellectual e pela possibilidade de se applicar sem grande aprendizagem ao maior numero de alienados, que instinctivamente teem uma predilecção accentuada pelos trabalhos ao ar livre.

Vigouroux e Antheaume apresentaram, para o departamento do Sena, um certo numero de proposições, que precisam a questão, e cujas principaes são:

—O estabelecimento de explorações agricolas nos asylos de tratamento deve destinar-se sobretudo aos alienados agudos susceptiveis de ser melhorados pelo trabalho manual ao grande ar, doentes curaveis ou que não dêram ainda prova da sua incurabilidade, e que n'estas condições teem de deixar de ser confundidos com os alienados chronicos trabalhadores, cujo modo de vigilancia e de tratamento é bem differente.

—O estabelecimento de colonias agricolas indepen-

dentes constitue um meio prático de valer á assistencia e ao tratamento d'um grande numero de alienados chronicos, e de lutar efficazmente contra a accumulacão progressiva dos asylos do Sena.

— Os doentes poderão ser evacuados para as colonias familiaes desde que o seu estado physico lhes não permitta mais trabalhar, e para o asylo fechado quando se tenham tornado alienados perigosos, incapazes de utilizar o trabalho em liberdade.

— O estabelecimento deve compôr-se de pavilhões isolados para 50 doentes, no maximo; d'uma enfermaria para as doenças intercorrentes; d'um pavilhão fechado de vigilancia para o tratamento dos accessos transitórios de exaltação; e de construcções destinadas aos serviços geraes e aos annexos precisos para a exploração.

— O dominio colonial consistirá n'um terreno especialmente apropriado para a cultura de horta, e com uma superficie sufficiente para permittir, quanto possivel, o emprego continuo de todos os trabalhadores.

— E' urgente que o departamento do Sena entre no caminho da colonisação agricola, adaptando n'este sentido os asylos excentricos de alienados, que pela sua situação e extensão do dominio cultural annexo, são mais proprios para permittir a organização e o funcionamento d'este modo de assistencia.

CAPITULO V

A assistencia familiar em outros paizes,
alem da Belgica e da França. Votos em seu favor
nos differentes congressos

Tendo de se fazer referencia á assistencia familiar nos outros paizes, além dos já citados, é á Escossia que pertence o logar de primazia, porque em todas as partes, onde se pratica a assistencia familiar aos alienados, ella é feita segundo duas fórmãs: ou como na Belgica ou como na Escossia.

Na Belgica, uma enfermaria com um serviço medico especial para cada colonia póde receber e tratar, como n'um hospital, os doentes excitados, momentaneamente perigosos ou attingidos de doenças intercorrentes. Na Escossia, os doentes são recebidos pelos habitantes, em grupos muito pequenos, e a vigilancia entregue ao medico local, que cuida dos alienados como se fizessem parte da sua clientella.

A organização da assistencia official é na Escossia para os pobres uma organização perfeita e extraordinariamente vasta e minuciosa.

Por lei todo o indigente tem direito a ser soccorrido e a usufruir os beneficios dos grandes processos de assistencia, sustentados por um orçamento importantissimo. Se a velhice, a incapacidade mental, a doença, ou um accidente, tornou um pobre incapaz de poder adquirir os meios de sustentação; se um orphão, uma viuva, uma mulher abandonada com filhos e sem recursos, necessitam auxilio, este é-lhes dado, mercê d'um organismo beneficente e grandioso na sua effectividade.

A zona administrativa é a da parochia; parochia, primeiramente fundada em razões de ordem exclusivamente ecclesiastica, e hoje conservada como uma divisão territorial pela administração civil.

A Escossia tem perto de 900 parochias. Em Edimburgo a municipalidade e a parochia confundem-se. E em cada uma é ao seu conselho, de eleição popular, a quem cabe o dever de regular a assistencia obrigatoria nos casos expressos na lei, e que se referem aos pobres nas condições já citadas.

Esse conselho de parochia está sob a fiscalisação do governo (*Local government board*), e no que respeita a alienados, tambem, sob a jurisdicção da commissão central para os alienados na Escossia (*General board of lunacy for Scotland*).

Todo aquelle a quem fôr recusado soccorro póde apelar para o sheriff (primeiro juiz de paz do condado) ou recorrer para o *Local government board*, se julgar insufficiente o auxilio concedido. No primeiro caso, sendo favoravel o parecer do sheriff, o conselho tem obrigação de prôver á assistencia, e no segundo póde ordenar o augmento necessario, comprehendendo até o serviço medico, quando o julgar preciso.

A intervenção mais importante para realisar o auxilio ao pauperismo, alem de outras instituições, de character inteiramente privado e extra-official, é o hospicio dos pobres (*Poor-house*).

Pela lei de beneficencia, cada parochia é obrigada a habilitar-se com os meios indispensaveis para a sustentação, n'um asylo, dos seus doentes alienados e que devem ser internados, quer para seu proveito, quer para a segurança do publico.

Ha mais tres methodos de assistencia official aos pobres: pensões concedidas a pessoas morando na propria casa (soccorros domiciliarios); collocação com pensão em casas extranhas, ou, quando necessitem de cuidados particulares, em estabelecimentos especiaes onde possam com proveito e regularidade receber esses cuidados.

Em cada parochia são inscriptos obrigatoriamente no registo geral dos pobres os nomes de todas as pessoas admitidas aos soccorros destribuidos pelo conselho da parochia. Os fundos necessarios para fazer face ás despezas de todos estes modos de existencia são em parte fornecidos pelo estado, em parte por uma contribuição local, e de origem voluntaria o restante.

Para se avaliar a enorme extensão d'esta assistencia, o relatorio do *Local government board* para a Escossia, em 1904, dá os seguintes informes:—recebiam soccorro pela assistencia official, n'aquelle anno, 99:016 pessoas, ou seja uma percentagem de 22 por mil da população total, e dispendeu-se com a manutenção de toda esta gente 1.141:660 de libras.

Separando d'aquelle numero os sãoes de espirito, que eram 85:850, ficam 13:166 doentes mentaes com cuidados regulares de tratamento!

A distribuição d'este elevadissimo numero de indigentes alienados era assim feita:

| | | |
|------------------------------|--------|------|
| Na propria casa. | 984 | 7 % |
| Em casas extranhas | 1:677 | 13 % |
| Nos asylos. | 10:505 | 80 % |

As duas primeiras classes estão equiparadas quanto á fiscalisação e inspecções officiaes. Este serviço é desempenhado pelo inspector dos pobres, subordinado ao conselho de parochia, e coadjuvado por varios empregados e inspectores ajudantes.

O seu dever principal é fazer um inquerito ácerca de todos os pedidos de soccorro e apresental-os ao conselho para decisão definitiva. Tem tambem de visitar periodicamente todas as pessoas soccorridas, assegurando-se das suas necessidades reaes e da sufficiencia do auxilio prestado.

Na parochia de Edimburgo o inspector dos pobres é auxiliado por 18 amanuenses, 11 inspectores ajudantes, 9 medicos para o serviço clinico em outros tantos districtos, enfermeiros, etc., prefazendo um total de 114 individuos no serviço do conselho.

Este está dividido em *comités* para os diversos assumptos, taes como esmolos, doentes, creanças, etc. O das esmolos, com quatro secções, reúne semanalmente uma d'ellas; o das creanças e o dos doentes, que cuida tambem da administração dos alienados nas casas particulares, uma vez por mez.

Em maio de 1900 o conselho parochial dava assistencia a 5:783 pobres, representando a proporção de 18

por mil da população da cidade. D'elles eram alienados 928 e estavam

| | | |
|---|-----|------|
| Em estabelecimentos | 623 | 67 % |
| No seu domicilio. | 30 | 3 % |
| Em casa de <i>nourriciers</i> | 275 | 30 % |

A assistencia familiar estende-se, pois, tambem a categorias de indigentes alem dos alienados, — adultos invalidos, em pequeno numero, creanças, orphãos, abandonados atrasados de desenvolvimento, principalmente.

Estes ultimos desprotegidos são tratados e collocados em familia, de modo regular, desde 1850. E' um processo de utilização de forças sociaes, de reabilitação humanitaria, que está por completo radicado nos habitos dos habitantes da Escossia. N'esta região, de tão superior regimen de beneficencia, tem a assistencia para os alienados um largo desenvolvimento. De 305 era, em 1900, o numero dos que a parochia de Edimburgo sustentava, e 275 estavam distribuidos, como as creanças, em pequenos grupos pelas povoações ruraes, espalhados n'uma superficie, que comprehendia oito condados; — só 215 nas aldeias ou suas proximidades no condado de Fife.

N'estas aldeias, a introducção de machinas abrija uma crise de miseria entre os velhos proprietarios de teares manuaes. A crise, porém, foi motivo para um inicio facil da collocação familiar, porque hoje a recepção de alienados pensionistas estende-se a todos os habitantes.

As disposições administrativas são por toda a parte as mesmas. A existencia de doentes nas localidade nunca foi tal que podesse dar-lhes um character especial; ultimamente em cada casa o seu numero não excede a tres, porque o

que principalmente se deseja manter é o sentimento familiar. O vestuario é tanto quanto possivel semelhante ao dos outros individuos; os que são susceptiveis de applicação laboriosa trabalham nos serviços a que se entregam os membros da familia que os recebe, e os que são incapazes de trabalhar tem o viver identico dos outros invalidos do districto, não alienados. O inspector dos pobres, por cada novo doente, envia ao *General board* um relatorio sobre o seu estado, qualidades do guarda, pessoas da familia e condições da habitação.

Os alienados, na grande maioria, são antigos internos dos asylos, julgados, na opinião dos medicos, em condições de ser entregues aos cuidados domesticos. Cada um é visitado trimestralmente pelo conselho, por um membro da administração dos inspectores da assistencia e por um medico official especialmente destinado a essa missão. Todos elles registam n'um livrete, obrigatorio para o *nourricier*, a sua apreciação a respeito do doente e do modo como é cumprido o contracto.

Ainda o *General board* ordena uma outra visita por inspectores adjuntos uma vez por anno, e duas vezes ás aldeias em que ha pequenos grupos, como nas de Edimburgo. Sempre que o inspector adjunto indica, são mandadas fazer as modificações precisas, ou transferidos os doentes para o asylo.

O tratamento no domicilio dos chronicos e alienados inoffensivos começou a praticar-se d'uma maneira notavel na Escossia, pouco tempo depois da promulgação da lei de 1857, que estabeleceu o systema a que estão ainda subordinadas todas as questões de alienação mental. Como pela letra da lei tinha de haver asylos em todos os districtos para tratamento conveniente dos alienados assistidos pelo

conselho de parochia, e demorasse annos a sua construcção, foram grande numero de alienados pobres, durante este periodo, collocados em casas de extranhos, que os admitiam, ou ficavam em sua propria casa, sujeitos desde essa occasião á vigilancia rigorosa já relatada, vindo por este modo, com proficuidade, a fixar-se como definitivo o systema transitorio de assistencia.

N'esta collocação familiar, como expediente de occasião, salientaram-se varias parochias e sobre todas a de Edimburgo; as outras começaram depois tentando rivalisar com esta, prodigalizando aos doentes os cuidados mais sollicitos. E d'esta fórma a assistencia especial nas familias foi para um grande numero de alienados mais util do que a assistencia até então unicamente realisada nos asylos.

O exemplo de Gheel e o desenvolvimento da colonia belga, que os medicos escossezes estudaram e visitaram attentamente, tornou decisiva a opinião do *board* sobre o assumpto. Estabeleceu-se a existencia familiar na Escossia, desde ha quarenta annos, debaixo da protecção das auctoridades e de todos.

Os asylos continuaram a ser considerados como necessarios para um tratamento efficaç em muitos casos de alienação mental, mórmente n'aquelles em que são exigidos cuidados medicos e attenções especiaes (affecções chirurgicas, contagiosas, agitações), ou em que os doentes são perigosos para si ou para os outros.

O tempo só tem confirmado que, havendo vigilancia bem organizada, a collocação d'um numero consideravel de doentes, com subsidio no domicilio, deve fazer parte integrante d'um systema completo de assistencia para os alienados.

O preço da pensão na parochia de Edimburgo é de 10 francos e 80 centimos por semana para cada doente.

O desenvolvimento progressivo da assistencia escosseza affirma-se pelo numero das collocações: 1946 em 1861-70; 1487 em 1871-80; 1998 em 1881-90; e 2724 em 1891-900.

Da sua influencia diz o dr. Fraser no seu relatorio de inspecção:

«As vantagens, que resultam da transferencia para as casas particulares dos alienados primeiramente assistidos n'um asylo, são:

1.º—A restituição d'um domicilio e da convivencia habitual.

2.º—Um augmento proporcional de satisfação (ao mesmo tempo que a diminuição monetaria do encargo).

3.º—Um bem estar material inherente á casa particular.

4.º—Uma modificação feliz no estado mental.

5.º—Uma maior facilidade de poder tornar-se util para provêr ás suas necessidades e ter algum pequeno emprego remunerado ».

Todos estes considerandos vem plenamente justificados no relatorio com a enumeração de casos observados.

Pelo exemplo de actos pautados sempre pela razão, a acção da influencia dos seus companheiros é constante. Esta mudança observa-se muito rapidamente:—doentes que, na primeira visita, faziam suppôr necessario o regresso ao asylo, já em ulterior visita, depois d'uma certa demora, apparecem transformados e aptos para continuarem com o maior proveito a assistencia familiar. Em muitos casos desesperados se tem colhido resultados. E' o que o dr. Tunbull chama a «acção tonica» do *private system*.

Varias vezes a familia do doente, quando o vê, de qualquer modo, util e podendo merecer um salario, faz desaparecer o seu nome do livro dos pobres. No anno a

que se refere o relatório citado do dr. Fraser, 7 alienados foram excluídos da lista dos indigentes por, graças ao systema familiar, se tornarem capazes de remediar por si ás suas necessidades.

A população pratica com os doentes actos repetidos de dedicação fóra do commum; todos os acolhem, e assim seria um preconceito custoso e inutil conservar n'um asylo de cura muitos chronicos e dementes, que com tanta facilidade se podem d'elles deslocar.

Os que julgam o systema com mais severidade fixam em 50 por cento o numero de doentes, que d'este modo podem ser collocados; por isso a colonisação se propaga com tenacidade e resultado.

Na Escossia existem tambem grupos de doentes mentaes, constituindo quasi verdadeiras aldeias de alienados, como na Belgica, sendo os principaes: No condado de Fife, Kennoway com 65 doentes, Star com 40, Thornton com 29 e Auchtermuckty com 14; no condado de Perthshire, Gartmore com 50 e Scone com 12; no condado de Stirlingshire, Balfrou com 78; e no condado de Ayrshire, Ballantrac com 39.

Os inspectores procuram sempre limitar o numero de doentes, afim de não constituirem um elemento notavel entre a população sã, o que poderia prejudicar o systema perante a opinião publica. Todos os esforços são para manter na assistencia familiar escosseza o character particular que a distingue: ausencia de enfermarias locais na maior parte dos centros de collocação; dispersão dos alienados por todo o paiz, nos districtos ruraes, nas pequenas aldeias, etc.

Sempre que são exigidos os soccorros de clinica, são prestados pelos medicos locais, graças ao ensino psychiatrico geral, que a todos elles tem sido exigido.

— Em toda a outra porção do Reino Unido o patronato familiar não existe e parece irrealisavel. As tentativas, que se ha feito, são sempre combatidas com aspereza pelos profanos e pelos profissionaes. A opinião, desde ha mais de meio seculo, fixou-se no parecer de que o methodo de tratamento mais desejavel e mais conveniente, senão o mais economico, para todos os generos de inuteis sociaes, era separal-os, sob vigilancia, em institutos ou colonias convenientes. Grandes asylos, hospitaes, prisões, colonias extensas, nunca a collocação familiar.

Alguns medicos advogam o contrario; mas parece que a Inglaterra, paiz de parlamentarismo, sempre se tem importado pouco com a parte medica na lei dos alienados, pre-occupando-se mais com o lado geral, politico, da jurisdicção e de principios. E como a assistencia familiar, como muitas questões importantes, não conseguiriam ganhar votos no corpo eleitoral do paiz, vae ficando excluida do programma reformador, partidario. Mesmo, ainda, é para debater o facto do character dos individuos do povo permittir, em condições perfectas, o patronato nas casas extranhas.

Nos centros manufactureiros é certo que não; a classe mais pobre dos inglezes, n'estes meios, constitue um conjuncto pouco recommendavel, sem regra, de alcoolicos incorrigiveis. Em grande numero de condados a assistencia não se fixaria, porque falta ao povo a sagacidade, a clareza e a verdadeira força moral da população escosseza.

E' possivel, porém, que escolhendo e attendendo, principalmente, á melhora economica resultante, a assistencia familiar seja um dia mais acceitavel aos inglezes. Ao presente as poucas vozes, que a advogam, não conseguem implantal-a, nem provavelmente o conseguirão tão cedo.

— A assistencia familiar na Russia começou por se estabelecer nos arredores do asylo Alexeieff, perto de Moscou, e depois em Ekaterinoslaer, nas aldeias de Kaminka e Krasnopolï. Estas fundações devem-se á dedicação dos medicos directores, luctando com a pobreza dos camponezes, a rusticidade do paiz, e ainda mais com as difficuldades levantadas pelas auctoridades administrativas, que não comprehendem o alcance pratico e humanitario d'estes esforços benemeritos.

Uma colonia foi deslocada e suprimida, ha annos, porque o administrador do castello d'um principe visinho a denunciou como um perigo para os donos e uma ameaça problematica para a segurança d'uma via ferrea, que passava junto.

No emtanto, vencendo estas resistencias officiaes, mais difficeis do que a reluctancia dos doentes e dos *nourriciers*, o dr. Kachenko, de Nijni-Novgorod, creou uma colonia nova, em plena prosperidade desde 1899.

— Na Allemanha a assistencia familiar é de data recente, mas o seu desenvolvimento foi rapido e completo. Actualmente os centros de collocação são já 32, assim espalhados por toda o imperio: Allenberg, Aplerbeck, Berlim, Blaukenhain, Brême, Brieg, Bunzlau, Eberswalde, Eichberg, Eickelborn, Gardelegen, Göttingen, Haina, Hilburgausen, Ilten, Hofheim, Jéricho, Klingemmurster, Konigslutter, Konradstein, Kortau, Landsberg, Lengerich, Lübeck, Menxhausen, Pfullingen, Treptow, Uchtspringe, Uckermünde Weissenau, Wittstock Zwiefalt.

A Allemanha, depois d'um estudo prévio ás outras colonias, escolheu para as suas um typo baseado no systema escossez — poucos doentes em cada local — e assim construiu, sob a fórma de aldeia artificial, pequenos pre-

dios economicos, para grupos de doentes, 5 ou 6, confiados á familia dos enfermeiros. E' uma maneira perfeita de assistencia familiar.

— A Hollanda parece que tambem preferiu o systema de pequenas casas apropriadas, com grupos restrictos, disseminados; mas a sua variedade e maior semelhança com as habitações ordinarias, faz do processo adoptado uma transição entre o allemão e os outros.

Em março de 1906 os doentes tratados nas familias estavam assim divididos: asylos da Associação christã para o tratamento dos alienados—Veldwyk (Ermelo) 87, Bloemendaal (Loosduin) 14, Dennenoord (Zuidlaren) 10, Meerenberg (Bloemendaal) 3; asylos do estado—Medemblik 8, Grave 23.

Em todos elles a assistencia praticada é a hetero-familiar, porque nenhuma outra está regulada nem é conhecida, mas, como se vê, está ainda em grau muito limitado e perto do inicio, devido principalmente ás disposições da lei e ao facto dos principaes asylos serem nas cidades, centros pouco proprios para este systema de collocação dispersa.

No começo, as municipalidades só eram obrigadas a subvencionar os alienados quando o seu tratamento se fizesse nos asylos; esta prescrição foi, porém, alterada em 1900, obrigando-as a pensional-os, tambem, desde que pasassem a ser cuidados nas familias particulares, vigiados por um medico alienista, ficando igualmente essas familias e os asylos sujeitos a um regulamento especial.

Pelo determinado n'esse regulamento o numero de doentes, em assistencia familiar, dado pela direcção d'um asylo, não podia ser superior á decima parte dos que ficavam tratados no mesmo; o asylo devia conservar disponiveis

as camas correspondentes a esses doentes; a familia tinha de prestar todas as informações necessarias e dar livre entrada aos inspectores encarregados da vigilancia; o doente havia de ter estado no asylo meio anno, pelo menos, em observação.

Em 1903 estas disposições soffreram uma modificação favoravel: o tempo de observação foi reduzido a tres mezes; o numero de doentes a collocar tornou-se dependente do parecer dos medicos do asylo; e o numero de camas disponiveis passou a ser sómente um vigesimo.

Additando um artigo á lei dos alienados, a assistencia familiar ficou regulamentada no paiz, e alterada egualmente a lei dos pobres. Por decreto de 25 de abril de 1905, ella é permittida na Hollanda debaixo de condições expressas.

Os inspectores de vigilancia do asylo devem certificar que a casa de collocação não é muito distante d'elle, e é propria para seu alojamento. O burgomestre é obrigado a uma visita semestral aos doentes, em dia indeterminado. A assistencia não póde ser praticada em familias, em cuja casa se faça venda, ao publico, de bebidas alcoolicas. Os doentes são tratados pelo medico do asylo; e na mesma habitação não podem assistir alienados de sexo differente, devendo os quartos de dormir ser utilizados sómente por um. Todos os meios de coerção, mesmo a reclusão no quarto, são absolutamente prohibidos. O medico director do asylo indicará os preceitos respeitantes ao tratamento, trabalho, vigilancia, alimentação, vestuario, limpeza e cama dos doentes; á iluminação, aquecimento, ventilação e limpeza dos quartos; ás visitas e correspondencia; ás providencias em caso de evasão ou incendio; ao alojamento dos individuos, que não são da familia; á convivencia d'essas pessoas no quarto de cama do doente, quando o seu interesse assim

o exija, não podendo, porém, mais ninguém dormir no seu leito.

A assistência familiar fica dependente do medico director, e a vigilancia é rigorosa e apertada.

O chefe de familia terá, principalmente, em vista evitar que os doentes sejam alvo de mofa, ultrajes, offensas ou violencias, e ao mesmo tempo que as suas acções causem prejuizo a outrem. Fica responsavel pelos objectos, que pertencerem aos doentes e que elles trouxeram comsigo, não lhe sendo permittido confiar-lhes dinheiro sem a permissão do medico. Tem obrigação de communicar a existencia de qualquer doença contagiosa manifestada em casa, participar qualquer accidente no estado intellectual dos doentes, e procurar, o melhor possivel, que estes occupem regularmente o seu tempo em afazeres simples, uteis e agradaveis.

A assistência familiar vae progredindo muito, tanto nos asylos da Associação christã, cujos directores são seus partidarios devotados, como nos asylos do estado.

Em quasi todos os que estão ao presente em construcção, e que são afastados dos grandes centros de movimento, mas em communicação facil com uma cidade de maior ou menor importancia, deve ser annexa a assistência familiar. No de Duin-en-Bosch, em Castricum, todas as edificações para os empregados foram projectadas para permittir esta especie de assistência; actualmente já deve ella ter começado com os doentes, que o dr. Jacobi, medico director do asylo, havia escolhido para esse fim. E o de Maasoord, perto de Rotterdam, vae seguir-lhe, em breve, o exemplo.

O patronato aos assistentes convalescentes data de 1861 e foi primeiro organizado no asylo de Utrecht e em

seguida no de Meerenberg, em Bloemendaal. Hoje a assistência familiar para estes casos, tem, com o concurso dos patronatos, uma grande extensão.

Os numerosos asylos da Hollanda cuidavam, em janeiro de 1904, d'um numero total de 9128 doentes de ambos os sexos; e em todos elles se reconhece a grande utilidade de procurar trabalho aos alienados.

Meerenberg foi o primeiro asylo da Europa continental que seguiu o systema do *no restraint*.

— A Suecia, além dos seus treze asylos de alienados, e que podem receber 6118 doentes, pratica tambem a assistência familiar, ainda que em grau limitado. Organizada pelo estado e inspeccionada por intermedio do conselho de saude e do inspector geral dos alienados, é de data muito recente, posto que os alienados tenham sido tratados nas familias extranhas, em casa de *nourriciers* não sujeitos a vigilancia, desde muitos annos, sobretudo na parochia de Korsberga, na provincia de Smaland.

Por duas fórmas distinctas está funcçãoando esta assistência. N'uma, cujo modelo é Uchtspringe, na Allemanha, enfermeiros casados, habitando perto do estabelecimento ou do asylo de alienados, recebem doentes, que podem vantajosamente ser tratados com um *nourricier*. Começou a applicar-se este processo em alguns asylos, nos ultimos annos, e tem dado os melhores resultados a experiencia. Na outra fórma de assistência familiar foi Gheel a colonia de exemplo, e tem o seu centro de patronato em Korsberga, já citada. Esta colonia depende da administração do asylo de Vexio, afastado 66 kilometros, em grande parte servidos por uma via ferrea.

O medico em chefe do asylo visita os alienados, collocados em casa dos *nourriciers*, vindo para este fim á co-

lonia uma ou mais vezes, por mez. N'esta ha* uma encarregada da vigilancia, um enfermeiro e uma enfermeira, que vivem na casa central, e em que são recebidos os doentes, que não podem ser tratados convenientemente em casa dos *nourriciers*. Essa encarregada, visita todos os dias os alienados nas suas diferentes habitações.

Sobre vestuário, roupa de cama, remedios, banhos, pagamentos e contractos com os doentes, tudo está preceituado e previsto. Actualmente, na casa central, provisoriamente, podem ser recebidos 8.

A colonia, assim organizada, entrou em actividade em 1903. No fim d'esse anno, havia collocados em diversas casas 47 doentes (27 homens e 20 mulheres); em 1904 havia 50 (26 homens e 24 mulheres); e no anno seguinte 66 em 27 *nourriciers*. Cada familia não póde receber mais do que quatro doentes. A colonia destina-se á collocação de cem. O seu resultado ha sido bom.

Korsberga tem o inconveniente de estar muito longe de Vexio e não possuir medico especialista. A escolha de logar foi devida ao facto dos habitantes estarem acostumados, desde longa data, a cuidar de alienados, na certeza de que este habito tornaria mais facil a installação.

— Na Austria começou em 1885, pela construcção do asylo provincial de Kierling-Gugging, o ensaio de occupar os alienados em trabalhos agricolas. Como fosse coroado de exito, desde então, onde foi possivel e quanto foi possivel, abriram-se aos doentes as portas dos estabelecimentos de alienados; e em 1902 iniciou-se o aproveitamento franco, para o seu tratamento, de todos os processos modernos de assistencia ao ar livre.

São d'essa época a colonia de Haschhof e a queijaria de Mauer-Oebling, dependencias dos estabelecimentos prin-

cipaes, e cuja organização poderia bem servir de modelo no que respeita á maneira como convem occupar os alienados nos trabalhos agrícolas. Inaugurou-se, egualmente, n'esse anno o tratamento familiar em Mauer-Oebling e em Ybbs.

Por occasião da inauguração d'este asylo existia já uma pequena aldeia de *nourriciers*, que, como a instituição analoga creada pelo dr. Konrad Alt em Uchtspringe, se destinava a prestar o tratamento familiar e ainda a chamar a attenção das populações para as vantagens do patronato dos alienados.

Se o tratamento ao ar livre e o emprego dos doentes em certos trabalhos despertara o interesse dos camponeses, entibiara-lhes o animo, ao principio, para os receber em sua casa. Foi um guarda florestal da proxima communa de Hoersdorf quem primeiro acceitou para tratamento duas doentes; pouco depois affluiram os pedidos de auctorisacão á direcção do asylo para prestar os cuidados de familia a pensionistas do estabelecimento. Collocaram-se assim 84 doentes desde fevereiro a junho de 1903, ficando 29 na aldeia com *nourriciers* e 35 em familia particulares. De julho de 1903 a junho de 1904 o numero de pensionistas collocados nas familias elevou-se a 103 e o dos *nourriciers* a 44. Em junho de 1905 o tratamento familiar applicava-se a 119 doentes e em junho de 1906 a 228.

Entretanto o asylo de Ybbs ensaiava tambem egual tratamento, mas em muito menor escala, pois que em junho de 1905 só o aproveitavam 59 pensionistas. Attendendo, porem, aos habitos inveterados das populações dos campos estes numeros representam um grande successo. Na grande maioria os camponezes que recebem os doentes possuem unicamente a casa que habitam, estão ausentes no traba-

lho durante o dia, deixando á mulher o encargo dos serviços caseiros.

A situação de Mauer-Oebling e a sua população prestam-se muito melhor á criação e extensão d'este genero de tratamento. Os habitantes vivem desafoadamente, são alegres e affaveis e ao mesmo tempo sobrios e frugaes. A cidra, a bebida do paiz, pelo seu fraco grau alcoolico raramente tem effeitos perniciosos. A alimentação vulgar é boa: carne de porco, sopas de leite, legumes, raramente café, e pão á discreção.

As casas ficam em geral afastadas umas das outras, no meio das terras que lhes pertencem, e esta disposição favorece grandemente a collocação dos doentes do sexo feminino, difficultando a ligação com pessoas do outro sexo. A sua collocação nas familias faz-se por dois ou tres em cada uma, sendo-lhes destinado um pequeno quarto de dormir, privativo. Durante o dia permanecem na sala common, e tomam as refeições com os *nourriciers*, á mesma mesa, segundo o preceito imposto. De ordinario, cada familia tem um doente susceptivel de trabalho util e um ou dois em condições mais duvidosas. Os *nourriciers* recebem 84 centimos diarios por pensionista, com a obrigação de alimentar-o e conservar-lhe os fatos em bom estado de limpeza. O calçado e o vestuario são fornecidos pelo asylo, que tambem mobila os quartos.

A assistencia familiar na Austria póde considerar-se como um beneficio por igual therapeutico e economico, alem de vir impôr ás populações da região a adopção de novos costumes, mais progressivos e com uma influencia educadora louvavel e decisiva.

Como os medicos do asylo escolheram os locaes para a collocação dos doentes, exigem todos os melhoramentos

possíveis sob o ponto de visto hygienico, e as habitações vão melhorando sobre este aspecto. A satisfação dos pedidos para o tratamento familiar não se obtém com facilidade, afim de provocar a emulação e estimular o melhoramento das condições de alojamento e bem estar dos alienados. Os cursos technicos para os *nourriciers* são frequentados com assiduidade e atenção, sendo vulgar salientar-se vantajosamente das outras, as casas onde são recebidos os doentes.

Grande numero de *nourriciers*, que não costumavam ventilar regularmente os compartimentos nem arejar os leitos dos doentes, reconheceram as vantagens d'uma maneira de viver hygienica e adaptaram-na na familia. Para ter maior probabilidades de ser attendidos, muitos pretendentes, por conselho de antigos *nourriciers*, apresentam e põem a sua casa n'um estado irreprehensivel de ordem e de asseio, succedendo até, em caso de recusa, soffrerem uma especie de humilhação; e este sentimento é tão vivo, que já uma familia declarou ao director do asylo que não poderia continuar a residir na localidade se não lhe fossem confiados doentes.

A assistencia dos alienados na sua propria familia pratica-se hoje tambem na Austria. Quando entre os membros d'uma familia ha um ou muitos alienados, o estado subsidia o tratamento hetero-familiar com uma quantia igual á do asylo, ficando os doentes constantemente sob a vigilancia dos medicos do estabelecimento do internato.

Por uma resolução parlamentar recente todo o estabelecimento publico de alienados, official, deverá comprehender um asylo para os alienados curaveis, um asylo propriamente dito e especialmente para os incuraveis, uma colonia, e, como dependencia, o tratamento familiar.

Assim é este considerado no paiz como uma das instituições sociaes das mais valiosas e imprescindiveis, tendo-se tornado um factor de primeira importancia na situação economica da população dos campos e ultrapassando a sua influencia as funcções, que se lhe attribuia como instituição de previdencia em favor dos alienados.

— Na Hungria, o systema da assistencia familiar só se nacionalisou em 1905. Na parte transylvaneana do paiz, nas aldeias situadas em torno do centro departamental de Dicsöszt-Márton, foi a primeira experiencia da collocação. E tendo as investigações feitas sobre o character e as condições economicas do povo testemunhado a sua aptidão, foram transferidos doentes, em grupos de 10 a 15, para o hospital publico de Dicsöszt-Márton, que serviu de asylo central provisorio, afim de serem, em seguida, confiados ás familias, que dispozessem de alojamentos convenientes.

A experiencia surtiu resultado; e passado um anno já o numero dos doentes nas familias ascendia a 100; havia um medico alienista para elles e estava resolvida a construcção d'um pavilhão hospitalar.

Na Hungria, n'um total de 16:000 alienados e 26:000 idiotas, estão internados apenas 10:000; e assim os 32:000 restantes vivem sem que o seu sustento e vigilancia sejam garantidos por alguma instituição. Os asylos estão repletos e os pedidos de collocação são numerosissimos.

Luctando com embarços financeiros, a Hungria deixou a questão da assistencia aos alienados para uma segunda oportunidade; depois de restabelecido o equilibrio orçamental, e foi preciso invocar a lei dos pobres, afim de os hospitaes departamentaes crearem secções para os alienados e seu tratamento, que se encheram rapidamente,

mas que ficaram com o cunho de medida de ocasião, pois que não havia medicos alienistas para a sua direcção.

A assistencia familiar implantou-se depois de varias opposições politicas. O dr. Konrád, recebendo ordem ministerial para visitar o hospital de Dicsöszt-Márton e verificar as condições do local para a assistencia familiar, alvitrou que esta podia começar desde logo, aproveitando-se duas salas do hospital para a recepção provisoria e satisfazendo o pedido de muitas familias que sollicitavam a entrega de doentes. Construiu-se mais uma enfermaria central com 60 leitos, tendo um medico alienista independente.

D'este modo ficou assegurada a sua creação, fôra do alcance embaraçoso das rotações politicas, que mudam frequentemente os poderes administrativos na Hungria.

Os alienados são ao presente collocados em seis aldeias nas visinhanças de Dicsöszt-Márton. Os *nourriciers* vem ao hospital para conhecer os que lhe são destinados, e receber lições sobre os deveres para com os seus novos hospedes. Cada familia deve alojar dois doentes, n'um quarto separado, comendo á mesa commum. A inspecção é exercida por um enfermeiro-chefe e pela medico alienista, que visitam os alienados, aquelle todos os dois ou tres dias, e este uma vez por semana. O preço da sustentação é de um franco e dez centimos diarios, além de 22 francos por anno para vestuario. A direcção tem, ainda a faculdade de augmental-o para os doentes graves ou de diminuil-o para os trabalhadores.

Os *nourriciers* devem apresentar-se com os doentes, nos primeiros dias do mez para estes tomarem banho e serem pesados. Todas as informações e indicações dos cuidados a prestar são mencionados n'um livro, que lhes é entregue.

O estado ainda não interveio efficazmente, generalizando o systema da assistencia familiar aos alienados; no entanto onde ella já actualmente se pratica, o pedido de doentes excede o offerecimento, e mais de cem familias inscriptas esperam e teem as suas habitações disponiveis para receber os doentes.

— A Italia, depois da approvação da lei dos alienados em fevereiro de 1904, com um admiravel desenvolvimento economico e a remodelação das condições politicas, influindo efficazmente na administração das provincias, espera tornar possivel a collocação dos alienados em casa de familias extranhas, ou na da sua propria familia, constituindo colonias pelo typo das da Belgica, da Escossia e da França, desde que a idéa tenha amadurecido sufficientemente no paiz e o publico deposite n'esta instituição a indispensavel confiança.

No congresso de Milão em 1906, o dr. Pieraccini, propôz uma nova fôrma, intermedia, para a assistencia familiar, que consistiria n'uma cooperação do asylo com a familia, aproveitando os alcoolisados, pellagrosos, periodicos, phrenasthenicos com periodo de excitação, melhorados ou curados, e sempre pouco seguros elementos para a sociedade. Seriam obrigados durante o dia a trabalhar nos *ateliers* ou na colonia agricola do asylo, regressando á noite á casa das suas familias ou dos seus *nourriciers*.

N'esta especie de externato, receberiam estes mensalmente um subsidio e os doentes tambem um outro proporcional ao trabalho feito. Dar-se-ia d'este modo um primeiro passo para a liberdade completa, que não acarretaria inconvenientes e antes vantagens, como elle affirma ter observado na prática, ainda que limitada, como director do asylo de Arezzo.

A lei sancionou a instituição da assistencia familiar

dos alienados, praticando-se esta, de facto, nos asylos de Reggio Emilia e de Lucca para os dementes chronicos e tranquillos, delirantes chronicos, alcoolicos, epilepticos e loucos moraes, com um excellente resultado, sobretudo para estes ultimos.

No asylo de Lucca funcionam as duas fôrmas de assistencia homo e hetero-familiar, com proveito e frequencia notaveis. A primeira desde 1874 até 1905 tem ministrado cuidados a 2368 alienados dos dois sexos. No fim d'este ultimo anno havia 950 internados no asylo e 264 confiados ás suas familias, sendo d'estes 163 mulheres e 101 homens. A hetero-familiar foi inaugurada nos fins de 1899, e havia, em junho de 1906, confiados a familias extranhas, 81 alienados do asylo, 54 mulheres e 37 homens.

Do parecer dos alienistas que dirigem estes serviços conclue-se que as suas vantagens são geraes e importantes. A assistencia homo-familiar é indicada para os alienados chronicos, calmos, qualquer que seja a sua doença mental, reservando o patronato em familias extranhas, mais principalmente para certas fôrmas agudas, em que aquella outra não seja a aconselhada, nos neurasthenicos, hystericos, toxia-infectivos, depressivos e confusioaes de todas as especies. Com uma vigilancia medica effectiva, Lucca amplia a assistencia em familia, excluindo, porem, systematicamente as fôrmas improprias, como sejam os casos de agitação com tendencias impulsivas.

Annexo a este asylo existe uma colonia industrial para homens, de organização recente (1901). E' um grande edificio, situado no campo, com 21 officinas, de alfaiate, sapateiro, marceneiro, tintureiro, ferreiro, pedreiro, colchoeiro, cesteiro, tecidos impermeaveis, obras em palha, etc., dirigidas por um enfermeiro-artifice, com 227 doentes. D'este

modo, a colonia progride de sorte que é um elemento economico que auxilia consideravelmente o proprio asylo.

Tambem em Umbria se pratica a assistencia familiar, tendo sido substituido o processo primitivo, na propria familia, por quatro secções especiaes do typo de colonias ruraes abertas, duas ao sul e duas ao norte da provincia, com separação dos dois sexos.

Em 1906 existiam n'estas colonias 400 doentes, idiotas, imbecis, dementes, heredo-pellagrosos etc., occupados nos serviços internos e em trabalhos diversos, vivendo nas melhores condições de hygiene.

A assistencia hetero-familiar pratica-se tambem regularmente nos asylos de Siena e de Arezzo; em alguns outros a assistencia escolhida foi a prestada pela propria familia do doente. Nos 63 estabelecimentos do paiz, classificados em 1906, tinham 31, uma colonia agricola; 16, a assistencia homo-familiar; e 5, a assistencia typica em casa de *nourriciers*.

O que predomina são, pois, as installações annexas a um grande asylo, servindo para collocação, tratamento da convalescença e remoção dos chronicos tranquillos. Tem a Italia muitos medicos alienistas, partidarios convictos d'esta fórma de assistencia de tão grandes vantagens, humanitarias, economicas e sociaes.

— No Brazil ha estabelecimentos hospitalares para alienados no Rio de Janeiro, districto federal, e nos estados do Rio de Janeiro (Hospicio nacional dos alienados, para 1:100 doentes), S. Paulo (Asylo-colonia de Juquery para 900 doentes), Minas Geraes, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia, Pará, Amazonas, Ceará, Alagoas, Paraná e Parahyba.

A frequencia de clinica psychiatrica é obrigatoria no 4.º anno do curso medico, e posto que verse tambem sobre doenças mentaes o exame para obter o diploma de doutor,

o seu estudo tem sido descurado, menos por aquelles que pretendem seguir a carreira como medico de asylo.

No districto federal ha uma colonia de alienados com um medico director, um alienista chefe e um adjunto, e vae construir-se uma outra colonia, projectando estabelecer a assistencia familiar nas suas proximidades. No estado do Rio de Janeiro ha a colonia de Varzea Alegre com 300 doentes; no de S. Paulo o dr. Franco da Rocha começou a organizar, em 1906, a assistencia familiar; e foram já discutidos no congresso credits para a criação de colonias especiaes para alcoolicos e epilepticos.

—A Hespanha tem internados 3000 doentes alienados e calcula-se que haja um numero igual em casas ou instituições não registadas.

A assistencia familiar é, d'este modo muito especial, pois faz-se sem vigilancia e sem instrucção profissional. São ainda hoje os doentes psychopathas tratados empiricamente, sequestrados, cuidados pela homeopathia. A collocação nos asylos não é facil, e fóra d'elles o que se nota é uma ausencia deploravel dos principios scientificos.

—Na lista das nações figura a Turquia como tratando os alienados, nos estabelecimentos fechados, d'um modo barbaro e atroz. Em Alep, as auctoridades apoderaram-se, até, dos rendimentos d'uns legados enormes para a sustentação de dois asylos, deixando cahir em ruinas o destinado a mulheres e abandonando quasi o dos homens.

São logares de martyrio, em que os doentes vivem algemados, tratados com violencias e, ás vezes, a chicote. Não ha instrucção psychiatrica no paiz, e os doidos vagueam pelas ruas olhados com indifferença e até com veneração. A' iniciativa particular e piedosa dos estrangeiros se deve

o unico estabelecimento regular de assistencia para estes doentes.

*

* *

—Nos congressos especiaes, onde tem sido tratada largamente a questão da assistencia familiar, foram approvados entre outros, os seguintes votos:

(1901)—Todos os alienados judiciosamente escolhidos e bem vigiados podem ser collocados sem perigo sob o regimen da assistencia familiar (Dr. Peters).

—O patronato familiar, sobretudo pelas vantagens curativas e novas, merece ser adoptado, a par dos asylos, na assistencia dos alienados. O melhor meio para a desenvolver é inicial-a nas aldeias, proximo dos asylos, collocando os doentes em familias bem escolhidas e sob a vigilancia directa e continua dos medicos do mesmo.

Todos os esforços devem encaminhar-se para melhorar, quanto ainda seja possivel, tanto as colonias como os asylos. Não se deve oppôr um ao outro, mas completar-se um pelo outro (Dr. Tamburini).

(1906)—Em toda a parte onde a assistencia familiar ainda não se pratica, uma commissão de alienistas nomeada pelo governo, elaborará um conjuncto de instrucções claras e precisas para explicar a natureza e o fim d'esta especie de assistencia, instrucções que devem ser enviadas a todos os medicos para propaganda da idéa (Dr. Mariani).

*

* *

A assistencia familiar aos alienados estende-se, como ficou dito, por quasi toda a parte como uma fórma racio-

nal e humana, de vantagens indiscutíveis, ajudando a resolver o problema importante da desaccumulação dos hospitaes.

Em Portugal, triste é dizel-o, ainda não se pratica, nem se cuida ainda em a experimentar.

SEGUNDA PARTE

A assistencia dos alienados em Portugal

O maior beneficio, que os doentes mentaes em Portugal teem conseguido, officialmente, sob o ponto de vista humanitario, é a publicação do decreto conhecido pelo titulo, muito sympathico e aliás muito pomposo, de *Lei de beneficencia publica dos alienados*, datado de 4 de julho de 1889.

De entre as suas disposições, que todas certamente se devem considerar muito uteis e justas, vão em seguida as principaes:

Artigo 1.º O continente do reino e ilhas adjacentes é dividido, para o effeito do serviço de alienados, em quatro circulos, compostos de districtos administrativos.

§ unico. O primeiro circulo será constituído pelos districtos de Vianna do Castello, Braga, Bragança, Villa Real, Porto e Aveiro; o segundo pelos districtos de Coimbra, Vizeu, Guarda, Castello Branco e Leiria; o terceiro pelos de Santarem, Lisboa, Portalegre, Evora, Beja, Faro e Funchal; e o quarto pelos da Horta, Angra do Heroismo, e Ponta Delgada.

Art. 2.º E' auctorisado o governo a construir e mobilar nos limites da receita creada para esse fim os seguintes estabelecimentos para alienados:

1.º Um hospital para seiscentos alienados dos dois sexos, em Lisboa, devendo ter condições especiaes para o ensino da clinica psychiatrica, e duas enfermarias, uma para cada sexo, em condições adequadas para n'ellas se recolherem os alienados criminosos que tenham de ser sequestrados por ordem da auctoridade publica;

2.º Outro, pelo mesmo modelo, para trezentos alienados dos dois sexos, em Coimbra.

3.º Outro para duzentos alienados dos dois sexos, na ilha de S. Miguel.

4.º Um asylo para duzentos idiotas, epilepticos e dementes inoffensivos dos dois sexos, no Porto, ou nas suas proximidades, uma vez que se encontre perto d'esta cidade algum edificio que possa adoptar-se com facilidade para esse fim.

5.º Enfermarias annexas ás penitenciarias centraes, em condições proprias para n'ellas se tratarem alienados.

Art. 3.º E' igualmente auctorisado o governo a converter, logo que as circumstancias o permittam, o actual hospital de Rilha-folles em asylo para trezentos idiotas, epilepticos e dementes inoffensivos dos dois sexos.

Art. 6.º Quando os estabelecimentos creados pela presente lei forem insufficientes para se hospitalisarem regularmente os alienados de cada circulo, é auctorisado o governo a subdividir o circulo em que se dêr esse facto e a dotar cada sub-circulo com os estabelecimentos indispensaveis, devendo propôr ás côrtes a creação da receita necessaria para esse fim, se não bastar a creada por esta lei.

Art. 7.º Uma lei organica sobre alienados, que deverá ser submettida ás côrtes, quando da inauguração do primeiro d'estes estabelecimentos fundados em virtude d'esta lei, designará as regras do governo administrativo e medico d'estes estabelecimentos.

Art. 8.º E' creado um fundo de beneficencia publica dos alienados, que será constituido por

1.º Um imposto especial do sello, cuja importancia será respectivamente de 4\$500, 15\$000, 12\$000 e 1000 réis, sobre os documentos seguintes:

a) breves ou diplomas de dispensa para casamentos entre consaguineos;

b) diplomas de titulos nobliarios;

c) licença, para casas de penhores;

d) orçamentos de todas as irmandades e confrarias, e bem assim estatutos de todas as associações sujeitas á approvação do governador civil, não sendo comprehendidos n'esta disposição os orçamentos dos misericordias e ainda os orçamentos annuaes inferiores a 50:000 réis de receita, das irmandades, confrarias, asylos e outros estabelecimentos d'esta natureza.

2.º Um imposto especial de sello, igual ao estipulado nas verbas n.os 152 a 172 da tabella de 26 de novembro de 1885 e recahindo sobre os mesmos actos e documentos de que tratam as citadas verbas

n.os 152 a 172; (testamentos, documentos que não tenham sido selados, cartazes, alvarás de emancipação ou de consentimento, cartas de jogar, etc.).

3.º 50 por cento da parte do imposto de sello sobre loterias estrangeiras que o thesouro arrecadar, alem do producto d'essa receita no anno economico de 1887-1888, e bem assim metade do excesso do producto do mesmo imposto nas loterias nacionaes sobre a arrecadação do dito imposto no anno de 1887-1888;

5.º Metade dos bens dos conventos que se extinguirem depois da promulgação d'esta lei;

6.º Uma terça parte do producto dos trabalhos dos presos, que por lei vigente pertence ao estado.

§ 2.º A verba proveniente da disposição do n.º 5.º será empregada em titulos da divida publica, não amortisaveis, os quaes serão averbados «para a beneficencia publica dos alienados».

Art. 9.º E' o governo auctorisado a levantar por concurso até á quantia de 673:200\$000 de réis, para constituir e mobilar em Lisboa o hospital mencionado no n.º 1.º do artigo 2.º destinando para amortisação, em cincoenta annos, e para o juro, que não excederá a 5 % ao anno, das sommas levantadas, a parte que fôr necessaria das receitas creadas por esta lei;

§ unico. Concluido o primeiro estabelecimento será applicada á sua manutenção a parte das mencionadas receitas proporcional á população maxima que o mesmo estabelecimento deve ter.

Art. 10.º No caso de serem insufficientes as receitas creadas por esta lei para manter os estabelecimentos de alienados, o governo apresentará ás côrtes annualmente uma proposta indicando a verba com que devem contribuir os districtos de cada circulo para a manutenção dos seus hospitaes de alienados.

Art. 11.º Concluida a construção e installação de todos os estabelecimentos de alienados, a receita creada por esta lei, caso se não haja feito uso da auctorisação contida no artigo 9.º, ou a parte disponivel d'ella se o mencionado emprestimo tiver sido realisado, será pelos mesmos estabelecimentos distribuida, em vista da população maxima que pôdem ter e das exigencias do serviço.

Art. 12.º Fica auctorisado o governo a fazer os regulamentos necessarios para a execução d'esta lei e revogada a legislação contraria a esta.

E' do dominio de todos, que esta lei tão minuciosa e tão necessaria já, ao tempo da sua publicação; não tem sido executada até ao presente, pelo menos na parte relativa á construção de novós asylos e hospitaes, precisamente aquillo que ella pretendia com mais instancia realisar e era o seu fim essencial.

São, portanto, dispensaveis por inuteis os commentarios, tão naturaes e vulgares são em Portugal casos identicos, como tão grande é a culpa de toda a gente. Provavelmente nenhuma das corporações administrativas das terras contempladas com os promettidos estabelecimentos de beneficencia ainda até hoje se lembrou de os pedir, de se interessar e de instar por elles!

No Porto, um lente da Escola, o snr. professor Lopes Martins, vereador da camara municipal em 1903, protestou pelo cumprimento da lei na parte que respeita a esta cidade. Interesses de varia ordem e de importancia relativa, postos em jogo n'essa occasião, o espirito politico, partidario, acanhado e intransigente, preteriram a sua reclamação auctorisada e criteriosa.

Decerto, por vezes, uma ou outra voz isolada, no paiz, tem havido reclamando tambem. Protesto sem consequencias e sem encontrar echo! Mais outra lei sobre alienados que se não tem cumprido!

*

* *

Os estabelecimentos em Portugal destinados ao tratamento e internato dos doentes alienados são apenas 4: o Hospital de Rilhafolles, em Lisboa, o Hospital do Conde de Ferreira, no Porto, e os de iniciativa particular e das instituições religiosas que os sustentam: — Instituto dos Irmãos de S. João de Deus, para homens, em Telhal, a 15 kilometros de Lisboa, e Instituto das Irmãs hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, para mulheres, em Idanha, perto de Bellas.

O hospital de Rilhafolles foi installado em 1848, tendo

sido aproveitado para esse fim um antigo edificio, e feito posteriormente varias modificações e melhoramentos. Cuida de doentes de ambos os sexos, pensionistas e indigentes, sendo a média dos doentes hospitalizados de 1903 a 1904 de 758.

O hospital do Conde de Ferreira, construido em virtude do importantissimo legado d'este benemerito titular, foi inaugurado em 1883, e compõe-se de quatro alas e dois pavilhões, cercados de jardins, com varias dependencias: officinas, lavanderia, cosinha, laboratorio, *atelier* photographico, etc. A sua população, em 30 de Junho de 1907, era de 550 doentes, dos quaes 296 do sexo masculino e 254 do feminino.

Ha no hospital, tres vezes por semana, consulta externa para os doentes nervosos e mentaes. Uma caixa especial de beneficencia para os doentes pobres, curados mas sem recursos, substitue imperfeitamente as sociedades de patronato, que ainda não existem em Portugal.

As officinas installadas são de colchoaria, sapataria, alfaiataria, typographia, de fabrico de vassouras, além da officina de costura destinada a mulheres. Muitos doentes coadjuvam os serviços de enfermaria, e alguns, antigos camponezes, empregam-se dispersamente pela quinta.

Tanto o hospital de Rilhafolles, como o do Conde de Ferreira, que desempenham as funcções de asylos publicos, estão completamente cheios.

Dos outros dois, de iniciativa particular, o Instituto dos Irmãos de S. João de Deus foi aberto em 1883 e hospitalisa actualmente 84 doentes, 60 dos quaes indigentes, e o Instituto das Irmãs hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus cuida de 23 pensionistas e 75 indigentes. O primeiro póde receber até 100 doentes e o segundo até 150.

No Funchal, tambem de iniciativa particular, o Manicomio Camara Pestana, inaugurado no anno findo, cuida de 22 alienados de ambos os sexos. Em Lisboa e no Porto ha, em cada cidade, uma casa de saude, que recebem regularmente em média, 20 alienados.

A assistencia medica e hospitalar, tal como se pratica em Portugal, é certamente um modelo de assistencia comparavel á melhor dos outros paizes, mas se excluirmos os 1500 alienados, que estão em internato, os outros vivem nas proprias familias mais ou menos abandonados de cuidados clinicos, reclusos alguns, vagueando outros ao acaso, inoffensivos o maior numero.

Uma outra classe de alienados ha tambem a considerar: — são aquelles a quem o desvio mental leva a actos destructivos da propriedade ou a attentados individuaes. Periodicamente surgem noticias dos maleficios commettidos, sem que se pense em prevenir a sua continuação, ficando, apenas a urgencia de tal medida reclamada nos relatorios medico-legaes.

A população alienada do paiz, que em 1883, o dr. Antonio Maria de Senna, desprezando erros para mais, computava em 8000 individuos, deve ter seguido o movimento progressivo e ascencional que se deu em todos os outros paizes.

A Inglaterra e o paiz de Galles, que em 1859 contavam 36:762 alienados, tinham 101:972 no começo de 1898. A Escossia, que no ponto de vista d'este serviço, vive em regimen separado, teve em dez annos, desde 1888, um augmento de 11:609 para 14:906. Os asylos hollandezes cuidaram, em 1883, de 4593 doentes e em 1895, de 6910. Na Belgica os alienados, que em 1842 eram em numero de 4516, estavam nos fins de 1891, em 11:482, todos com collocação.

Em Portugal, em que, ao tempo da lei de 1889, havia abandonados 7000 doentes de alienação mental, deve actualmente existir com todas as probabilidades um numero superior a 12:000, o que dá para os que recebem cuidados regulares uma proporção de 12,25 por cento. A enormissima parte restante gosa d'uma absoluta e lamentavel liberdade. Tendo este trabalho por assumpto principal alludir a factos, a que Portugal é ainda completamente extranho, muito superficialmente se refere á assistencia portugueza aos alienados; comtudo, não deixa de vir a proposito fallar n'esta occasião sobre o ensino psychiatrico, cuja falta é tão saliente no paiz.

O snr. dr. Julio de Mattos, descrevendo a impressão dolorosa que lhe ficou, pela confissão forçada, feita no congresso de Lisboa, aos alienistas estrangeiros, de que entre nós não se ensina psychiatria nem nevrologia, affirma — «que desaproveitar para o ensino as grandes massas clinicas dos dois manicomios e os casos medicos-forenses de duas grandes circumscripções do paiz, é um verdadeiro crime de ordem intellectual, que todavia vimos, ha muitos annos, praticando n'uma inconsciencia que sobressalta».

E manifestando a esperanza de que esse ensino tenha de ser ministrado nas escolas medicas, accrescenta: «Referimo-nos apenas ás escolas de Lisboa e Porto, porque a Faculdade de Medicina não póde, emquanto não dispuzer d'um manicomio, aspirar ao ensino da pathologia mental, e não deve portanto exigil-o. Se o conseguisse do estado, esse ensino viria a ser alguma coisa de tão perfeitamente nominal como o ensino psychiatrico da *morgue* de Coimbra». A orientação profissional, proveitosa e urgente a dar ao estudo da psychopathologia, fica claramente exposta

nas palavras transcriptas, onde se expressa a opinião auctorisada do illustre medico psychiatra.

*

* *

O tratamento em familia, entre nós, como succedeu em toda a parte, encontrará reluctancia de preconceitos educativos ou tendencias habituaes, que merecem ser consideradas para as saber combater. Será uma campanha de actividade e pertinacia o facto da instituição d'uma colonia de alienados. O inquerito para a installação é trabalhoso e demorado, porque a ignorancia e o desprezo d'estas questões, fóra de certos meios mais centraes, vae obrigar o medico alienista a fazer tudo, mesmo as coisas mais accessorias, talvez até contra a vontade geral ou local.

A realisação da proposta do dr. Mariani no congresso de 1906, em Milão, para uma commissão de alienistas elaborar, em todos os paizes, um conjuncto de instrucções, explicando a natureza e o fim da assistencia familiar, sendo essas instrucções enviadas a todos os medicos de provincia, sem excepção, para espalharem o seu conhecimento entre as populações ruraes, prégar a sua adopção e assistir á sua execucao, seria um meio muito facil de, pelo menos, dar conhecimento da sua obra.

Conseguir adhesões e convencimentos com a divulgação das bases do novo processo representa uma grande impulso para o seu futuro. E' necessario que seja acceita sem grande obstaculo a opinião que o meio familiar é o meio por excellencia, o mais propicio, para o relativo accordar das faculdades entorpecidas dos psychopathas; e ter-se como averiguado que nas familias póde des-

apparecer esse estado passivo de vaga consciencia, de automatismo intellectual, que, em menor grau, em toda a parte é tão proveitosamente combatido pela deslocação mesologica.

Porque é um facto, que sob a benefica influencia d'um exercicio vivificador, d'um ar puro, um pouco de liberdade, de todos os bens de que até então estiverem privados, varios doentes, reputados incuraveis, podem melhorar consideravelmenie, e que outros, que o seu torpor intellectual affasta dos trabalhos, podem modificar-sé e prestar ainda serviços uteis. Assim para os alienados chronicos, convalescentes, semi-loucos, doentes inoffensivos, em que a sequestração é injustificavel, quanto não seria um elemento valiosissimo de vida regular e de therapeutica a acção proficua e habitual dos estimulantes normaes! — a familia, a imagem reduzida da sociedade, a sociedade mesmo, onde o homem recolhe as impressões, que despertam o trabalho do espirito e que para o doente em internato não pôde existir.

Esse meio agitado e clamoroso do asylo, cruzado de gritos e lamentos, gemidos e imprecações, cantos e risos de todas as especies, de cerebros *détraqués*, quanto se oppõe ao meio tranquillo da familia, affectuoso, applicado, em que o doente vive livre do exemplo de outros loucos, sob a influencia de actos sensatos que vê praticar!

O progresso da assistencia dos alienados, como o da assistencia em geral, reside na especialisação, cada vez maior, dos meios therápeuticos accomodados ás variadas especies de doentes, scientificamente seleccionados.

Excluidos os criminosos e os doentes insociaveis, os hospitaes clinicos applicarão a sua attenção aos doentes agudos. Eliminar-se-ão depois os chronicos e convalescen-

tes, procurando-lhes uma ponderada reabilitação social. A assistência familiar definitiva ou transitoria pertencerá de facto aos chronicos tranquillos e aos convalescentes.

A colonisação de trabalho, pelo regresso á terra, em locais afastados dos grandes centros, pensa-se que deve dar, segundo o processo hollandez, um grande auxilio á readaptação, tanto no ponto de vista economico como sob o ponto de vista philantropico, aos doentes capazes de receber os seus beneficios, como são os epilepticos, degenerados, atrazados adultos e desequilibrados insociaveis.

E assim, pelas experiencias feitas nos diversos paizes, se póde já traçar o programma geral das colonisações agricolas abertas, como complemento dos asylos fechados, de tratamento.

O snr. dr. Magalhães Lemos desde 1890 que deseja installar uma colonia annexa, em terrenos adquiridos, junto ao hospital do Conde de Ferreira. No emtanto até hoje ainda não viu realisada ou delineada essa obra de benemerencia. Na *Revue de psychiatrie et de psychologie expérimentale*, de dezembro de 1906, o illustre sub-director do manicomio portuense, depois de expôr o estado da assistência aos alienados em Portugal, e de alludir ao não cumprimento da lei respectiva e ao grande numero de doentes que não recebem beneficios officiaes diz: — «Il est urgent de porter remède à cette situation qui est à la fois inhumaine et honteuse. Une mesure très utile, et qui, à mon avis, s'impose, parce qu'elle désencombrerait nos deux asiles, et aiderait de la sorte à résoudre économiquement le grave problème, médical et social, qui se pose devant nous, c'est la création de colonies familiales pour les déments et les chroniques inoffensifs: mais on n'y pense pas».

*

*

*

Nas circumstancias actuaes será permittido esperar para breve, em Portugal, a implantação da assistencia pelo processo familiar?

Regiões agricolas pobres e apropriadas não faltam; nem ha razão para duvidar da ausencia de iniciativa, dados os conhecimentos necessarios do assumpto para provocar o intento.

O inesperado d'um caso philantropico póde resolver a questão em praso mais ou menos longo. Até então cumpre-nos assumir uma attitude espectante, talvez demorada, talvez nunca satisfeita, emquanto a efficacia d'um methodo tão humano cada vez mais se vae impondo nos restantes paizes da Europa.

BIBLIOGRAPHIA

- A. Cristiani* — L'assistance homo et hétéro-familiale dans l'asile de Lucca.
- Agostini* — L'assistance des aliénés en Umbrie.
- A. Marie* — Assistance familiale comparée.
- L'assistance aux aliénés convalescents. 1905.
- L'assistance familiale des vieillards de la Seine. 1905.
- Les infirmeries des colonies familiales de la Seine. Paris.
- Le traitement des aliénés par le retour à la terre — Paris et Cahors. 1907.
- Bonnet* — État actuel de l'assistance familiale des aliénés en France. Rennes. 1905.
- Celles* — L'assistance familiale pour les aliénés en France et le système de Porte ouverte, *open door*. Paris. 1905.
- Ch Féré* — Le traitement des aliénés dans les familles. Paris. 1905.
- Deperon* — Des colonies d'aliénés.
- La colonie wallonne d'aliénés de Lierneux. 1905.
- Du patronage familial des aliénés. Gand. 1897.
- E. Mariani* — Une proposition pour répandre l'assistance familiale des aliénés, présentée au congrès de Milan. 1906.
- E. Régis* — Précis de psychiatrie. Paris 1906.
- Eug. Konrad* — L'institution de l'assistance familiale en Hongrie. 1906.
- Fédor Gerénji* — Les progrès de l'assistance des aliénés dans la Basse-Autriche depuis 1902. Rapport au congrès de Milan.
- F. Menzies* — Du traitement familial des aliénés en Angleterre. 1906.
- F. Meus* — De la construction des maisons de nourriciers dans les colonies familiales. 1905.
- G. Antonini* — Du progrès de l'assistance des aliénés en Italie. Rapport au congrès de Milan.
- H. Le Roux* — Note sur les colonies familiales de Dun et d'Ainay. Paris.

H. Macdonald — Les progrès de l'assistance des aliénés en Écosse depuis 1902. Rapport au congrès de Milan.

J. Al. Peeters — La colonie de Gheel. 1905.

— La réforme de l'assistance des aliénés. Moll. 1904.

— Situation actuelle de la colonie de Gheel. Moll. 1904.

John Sibbald — L'organisation générale de l'assistance officielle en Écosse. Edimbourg. 1904.

Juliano Moreira — L'assistance des aliénés au Brésil. 1906.

Julio de Mattos — Os alienados nos tribunales. III vol. Lisboa. 1907.

Julio Gama — Beneficencia publica dos alienados em Portugal. Comunicação apresentada ao 1.º congresso portuguez de beneficencia. Porto. 1905.

L. Mongeri — L'assistance des aliénés en Turquie.

Magalhães Lemos — Assistance des aliénés en Portugal. Revue de psychiatrie. 1906.

Visite psychiatrique à la colonie de Gheel. Porto. 1886.

Morel — La réforme des asiles des aliénés. L'assistance des aliénés en France, en Allemagne, en Suisse et en Belgique. Gand. 1905.

Olof. Kinberg — Sur le développement de la assistance familiale organisée en Suède.

P. Barbarin — La société d'assistance familiale «Pour l'enfant». Paris.

Sérieux — L'assistance des aliénés en France, en Allemagne, en Italie et en Suisse. Paris 1903.

Toiton — L'assistance familiale des orphelins. Paris.

Vallon — La pathologie mentale au point de vue administratif, in traité de pathologie mentale de G. Ballet. Paris. 1903.

Van Deventer — L'assistance en Hollande. 1905.

V. Coroleu — De l'assistance familiale des aliénés en Espagne. 1906.

Viollet et F. Bouffard — L'assistance aux aliénés convalescents. Paris.

V. Oudart — Des colonies d'aliénés. Gand. 1884.

Annales médico-psychologiques, Paris. — Bulletin officiel du ministère de l'intérieur, Paris. — Diario do governo, Lisboa. — L'assistance, Paris. — L'encyclopédie contemporaine, Paris. — Revue de médecine, Paris. — Revue de psychiatrie et de psychologie expérimentale, Paris. — Revue des deux mondes, Paris. — Revue des établissements de bienfaisance et d'assistance, Paris. — Revue philanthropique, Paris. — The journal of mental science, London.

PROPOSIÇÕES

ANATOMIA — A préga semi-lunar no angulo interno do olho é o rudimento estructural d'uma terceira palpebra.

PHYSIOLOGIA — O centro das emoções é o mesmo que o centro bulbar dos phenomenos vitaes.

PATHOLOGIA GERAL — As alterações dos elementos da nossa vida affectiva dependem das perturbações do estado cenes-thesico.

ANATOMIA PATHOLOGICA — A ostéite é uma medullite.

MATERIA MEDICA — A transferencia de meio é a primeira das prescripções geraes do tratamento psychiatrico.

PATHOLOGIA EXTERNA — Nas inflammações genitales, devendo aproveitar a acção therapeutica da agua quente, prefiro a sua applicação por via rectal.

OPERAÇÕES — A sutura das palpebras, em casos clinicos determinados, tem indicações de urgencia.

HYGIENE — Impõe-se uma campanha systematica de diffusão, pela apologia e pelo exemplo, dos principios doutrina-
rios essenciaes de veneração e disciplina moral tão pouco consistentes nas sociedades modernas.

PATHOLOGIA INTERNA — A concepção da psychose maniaca-depressiva soffre, principalmente, com maior desvantagem o ataque dos argumentos de ordem clinica.

PARTOS — Em casos com apresentação *de pelvi* (modo de nadegas) está contra-indicada a versão por manobras externas.

MEDICINA LEGAL — As multidões politicas, chamadas criminosas, são psychologicamente irresponsaveis dos actos, por vezes, de monstruosa selvageria que possam praticar.

Visto.

O Presidente,

Maximiano Lemos.

Póde imprimir-se.

O Director,

Moraes Caldas.

ERRATAS

| Paginas | Linhas | Está | Leia-se |
|---------|--------|---------------|-------------|
| 50 | 5 | MÉDIDAL | MÉDICAL |
| 64 | 4 | tendo | sendo |
| 71 | 24 | <i>cure</i> | <i>care</i> |
| 78 | 5 | scientica | scientifica |
| III | 30 | estes numeros | este numero |
| | | representam | representa |

Typ. a vapor da «Encyclopedia Portugueza»

== R. da Rainha D. Amelia, 49—Porto ==